

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
CURSO DE HISTÓRIA LICENCIATURA

Jürgen Mathias Kellermann

**ENTRE A PENA E A ESPADA: A REVOLTA DE KHMELNITSKY,
GUERRA E DIPLOMACIA NA REPÚBLICA DAS DUAS NAÇÕES
(1648-1654)**

Santa Maria, RS

2023

Jürgen Mathias Kellermann

**ENTRE A PENA E A ESPADA: A REVOLTA DE KHMELNITSKY, GUERRA E
DIPLOMACIA NA REPÚBLICA DAS DUAS NAÇÕES (1648-1654)**

Trabalho de Conclusão de Graduação
apresentado ao curso de História, da
Universidade Federal de Santa Maria
(UFSM, RS), como requisito parcial para
a obtenção do título de **Licenciatura em
História**.

Orientador: Prof. Dr. Adriano Comissoli

Santa Maria, RS

2023

Jürgen Mathias Kellermann

**ENTRE A PENA E A ESPADA: A REVOLTA DE KHMELNITSKY, GUERRA E
DIPLOMACIA NA REPÚBLICA DAS DUAS NAÇÕES (1648-1654)**

Trabalho de Conclusão de Graduação
apresentado ao curso de História, da
Universidade Federal de Santa Maria
(UFSM, RS), como requisito parcial para
a obtenção do título de **Licenciatura em
História**.

Aprovado em 14 de dezembro de 2023.

Adriano Comissoli, Dr. (UFSM)
(Presidente/Orientador)

Hugo André Flores Fernandes Araújo, Dr. (UFSM)

Luciano Cesar da Costa, Dr. (Seeduc – Saquarema, RJ)

Santa Maria, RS

2023

I tell you, folks
It's harder than it looks
It's a long way to the top if you wanna rock 'n' roll

(AC/DC)

RESUMO

ENTRE A PENA E A ESPADA: A REVOLTA DE KHMELNITSKY, GUERRA E DIPLOMACIA NA REPÚBLICA DAS DUAS NAÇÕES (1648-1654)

AUTOR: Jürgen Mathias Kellermann

ORIENTADOR: Adriano Comissoli

A Revolta cossaca de 1648 é iniciada a partir de tensões decorrentes do descontentamento social e ressentimento com autoridades da República das Duas Nações. Demonstrando a complexidade e diversidade das relações e interações existentes dentro deste vasto território. A tentativa de supressão militar desta mobilização pelo Estado, resulta em um levante ainda maior das massas descontentes, marcando assim, uma série de conflitos, inicialmente locais, que posteriormente envolve Estados próximos da região. Nesta pesquisa é realizada a análise do relato de Pierre Chevalier, onde são demonstrados os aspectos logísticos e diplomáticos dos embates, bem como a disputa pelo poder, influência e domínio da área conhecida como Ucrânia.

Palavras-chaves: Século XVII; Leste-Europeu; Diplomacia.

ABSTRACT

BETWEEN THE QUILL AND SWORD: KHMELNITSKY UPRISING, WAR AND DIPLOMACY IN THE POLISH-LITHUANIAN COMMONWEALTH (1648-1654)

AUTHOR: Jürgen Mathias Kellermann

ADVISOR: Adriano Comissoli

The Cossack Uprising of 1648 began as a result of tensions arising from social discontent and resentment towards the authorities of the Polish-Lithuanian Commonwealth. It demonstrates the complexity and diversity of relations and interactions within this vast territory. The attempt by the state to suppress this mobilization by military means, resulted in an even greater uprising of the discontented masses, thus marking a series of conflicts, initially local, which later involved states in the region. This research analyzes Pierre Chevalier's account, which shows the logistical and diplomatic aspects of the clashes, as well as the dispute for power, influence and domination of the area known as Ukraine.

Keywords: 17th Century; Eastern Europe; Diplomacy.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	7
2. A UNIÃO DE LUBLIN E A FORMAÇÃO DA REPÚBLICA DAS DUAS NAÇÕES. .9	
2.1 ORGANIZAÇÃO E FUNCIONAMENTO.....	10
3. OS COSSACOS E AS TENSÕES COM AUTORIDADES LOCAIS.....	13
3.1 A REVOLTA COSSACA DE 1648.....	15
4. PIERRE CHEVALIER E SEU RELATO.....	20
4.1 ORIGENS DOS COSSACOS, REVOLTAS ANTERIORES E COSTUMES APRESENTADOS NA OBRA.....	21
4.2 A HISTÓRIA DA GUERRA DOS COSSACOS CONTRA A REPÚBLICA.....	25
4.3 A SEGUNDA GUERRA DOS COSSACOS CONTRA A REPÚBLICA.....	35
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	48
Referências.....	50
Referências documentais.....	50
Referências bibliográficas.....	50
Apêndices.....	52
APÊNDICE A – Quadro cronológico de eventos principais.....	52

1.INTRODUÇÃO

O século XVII, foi palco de inúmeros conflitos, de rivalidades religiosas e assuntos de ordem constitucional nas monarquias da Europa, rebeliões coloniais no Novo Mundo, consolidação de novas dinastias na Ásia através do combate, à expansão e dominação política entre reinos na África. A situação na República das Duas Nações mostrava-se inicialmente favorável, não tendo envolvimento na Guerra dos Trinta Anos, sendo um estado multiétnico composto de aproximadamente 12 milhões de habitantes, mantinha tolerância e diversidade religiosa relativamente maior que alguns de seus vizinhos, era fundamentada no equilíbrio do poder entre a figura do monarca e do parlamento, entretanto, em meados do século, surgiu um problema. A revolta cossaca de 1648, na fronteira sul da República Polaco-Lituana.

A partir desse estudo, busco compreender, como se deu o paralelismo entre a guerra e diplomacia durante a Revolta de Khmelnytsky. Para isso, analisando o relato produzido por Pierre Chevalier, oficial francês presente na região durante o século XVII. Buscando também, através dessa análise, apontar os fatores cruciais e os processos chave que desencadearam o conflito, a formação de alianças, disputas pelo poder e influência nesse território, bem como quais foram as reivindicações feitas pelas partes beligerantes. Em conjunto ao relato analisado, a fim de verificar e validar as informações trazidas, há a utilização de produções historiográficas que tratem da temática sobre a revolta de 1648.

Após isso, cabe apresentar o que encontraremos ao longo do trabalho. No primeiro capítulo, é apresentada a República das Duas Nações, sua formação e a organização, as parcelas que compõem esse Estado, instituições e a forma de administração e jurisdição, bem como o a população que dela faz parte, os papéis que ocupam e direitos que possuem nessa sociedade. No capítulo subsequente, temos a apresentação e definição de quem são os cossacos, sua estruturação e sociedade, as funções que exercem à República, bem como a região que habitam e a sua relação com a nobreza. Ainda neste, é trabalhado de modo mais aprofundado os eventos que precedem e encaminham ao conflito com a Comunidade Polaco-Lituana, e a situação da Ucrânia como fronteira e local a partir do qual este Estado busca exercer sua influência na região. Por fim, no último capítulo, temos a análise da obra de Chevalier, os conteúdos que são apresentados do ponto de vista desse representante da França em território da República, sua descrição dos cossacos e da guerra. Avaliações que elabora da situação em curso, os pactos que se realizam entre diversos agentes, no intuito de sobrepujar os demais competidores pelo controle e influência na região. Ao fim desse trabalho,

encontraremos em apêndice, o material complementar contendo um quadro cronológico dos eventos principais.

2. A UNIÃO DE LUBLIN E A FORMAÇÃO DA REPÚBLICA DAS DUAS NAÇÕES

Após múltiplos casamentos, Sigismundo II Augusto (1548-1572), grão-duque da Lituânia e rei da Polônia, aos 49 anos de idade, permanecia infrutífero na tentativa de ter herdeiros que pudessem seguir seu legado e o de seus antecessores. Desde o século XIV o governo das duas entidades políticas havia sido depositado numa mesma pessoa da dinastia jaguelônica, mas o futuro se revelava incerto. O que deveria ser feito dos dois Estados? Deveriam manter-se ligados ou caberia a cada um reconhecer um novo governante, seguindo rumos separados? A decisão polaco-lituana foi original, ao mesmo tempo em que apresentou traços em comum com outras realidades da época.

A União de Lublin foi a resposta para parte destas incertezas, sendo formalizada definitivamente em 1569, uniu os territórios da Polônia e Lituânia sob um mesmo estado, a República Polaco-Lituana, governada pelo mesmo monarca em conjunto com o parlamento. No ano de 1567, houve uma reunião do *Sejm*¹, onde Sigismundo II ordenou a incorporação de parte dos territórios controlados pela Lituânia para a Polônia. Estes, eram as *Voivódias*² de Kiev, Podólia e Volínia, no intuito de não apenas evitar a tomada desses territórios pelo grão-ducado de Moscou mas também como forma de exercer pressão para assinatura do ato de unificação. Já que neste período o espaço geográfico e político estavam se tornando uma mesma realidade, os Estados definiam cada vez mais suas fronteiras e iam desenvolvendo os aparelhos estatais (burocrático e militar) no intuito de controlar e manter esses espaços.

Sendo assim, a partir desse pacto foi estabelecida uma federação entre as duas entidades políticas, proporcionando uma ligação de caráter permanente entre as mesmas. Ambas tendo status equivalente nessa união, cada qual manteve instituições individuais a partir elementos próprios como exército, administração civil e política, legislação e economia.

Dentro do quadro das populações que formavam a República, haviam hierarquias sociais, podemos aproximar estas como sendo: magnatas, *szlachta*, camponeses e cidadãos. A *szlachta* era formada pela nobreza desses estados, que compunha o eleitorado do parlamento, chamado de *sejm*, eram os cidadãos, semelhante ao conceito de *civitas* em Roma, para além de suas funções políticas uma das obrigações cívicas dos membros dessa classe era a defesa e a prestação de serviço militar. Apesar de os magnatas fazerem parte da *szlachta*, eles constituíam uma elite dentro dessa elite, pois além de serem donos de grandes extensões de

¹ Parlamento da República, composto pela nobreza do Reino da Polônia e do Grão Ducado da Lituânia.

² No contexto também podendo ser referida como Palatinado, eram províncias administradas em conjunto por um governador e pelo parlamento local.

terras e por vezes de cidades, gradualmente adquiriam mais poderes políticos e usavam esses para influenciar a política em si.

Os camponeses, compunham a maioria da população da República. A grande parte trabalhava para os nobres, pois era assim que “pagavam” para habitar as terras, dentro desse estrato social haviam divisões. Desde camponeses com mais renda, que poderiam pagar para que outros camponeses desempenhassem suas funções para os nobres, até os que estavam reduzidos à uma condição próxima de servidão. Os cidadãos não eram membros da *szlachta*, porém também não possuíam o mesmo status dos camponeses, podiam ser estrangeiros ou “pessoas livres”. Desempenhavam papel de mercadores, construtores, banqueiros, geralmente ocupações que não eram exercidas nem pelos membros da nobreza nem pelos camponeses.

2.1 ORGANIZAÇÃO E FUNCIONAMENTO

Como é o caso de demais monarquias compósitas do período, a República das Duas Nações seguiu o padrão de ser formada internamente por unidades territoriais e jurisdicionais menores, que coexistiam dentro de suas fronteiras. Sendo assim, existia um Centro de governo com suas instituições, que para manter certo nível de coesão devia interagir com as unidades locais, quanto a isso os setores aristocráticos eram indispensáveis para a participação política, pois realizavam o papel de mediação entre a população local, o monarca e parlamento. Xavier Pujol (1991), alegoriza a relação da Capital e os territórios como sendo uma relação semelhante ao rei com seus súditos.

Das instituições da República, os parlamentos locais eram compostos pela elite social, *szlachta*, de ambas nações, que realizava a seleção e votação de seus representantes para o parlamento da república. Este se organizava para tratar de questões que abrangiam todos os territórios, havendo ainda o senado, que atuava somente no Centro, composto por altos oficiais seculares e eclesiásticos, que fiscalizavam e aconselhavam o monarca. Não haviam separações claras entre o Estado e as localidades, pois estes agiam nos níveis que suas capacidades atingiam, complementando-se nas tarefas.

Outra instituição com essas características, formada pela elite, eram as forças militares que continuaram à parte e não organizadas como um exército de escala “nacional”, apesar da existência de um exército da República, geralmente comandado e pago pelo monarca, que poderia requisitar a assistência da nobreza, caso necessário fosse realizar uma mobilização

geral, sendo relativamente comum a existência de forças militares particulares, armadas e organizadas a partir de recursos próprios por membros mais abastados da *szlachta*, estas forças iam sendo organizadas e agrupadas conforme a escala de conflitos. Ao longo do texto leremos sobre exércitos comandados por diferentes nobres, que representam as várias regiões da República, cabe então observar que

A Lituânia tinha o seu próprio exército, separado do da Polônia. Para além do exército estatal, haviam as tropas privadas de todos os potentados... O exército estatal era constituído por dois tipos de tropas completamente diferentes: em primeiro lugar, as que eram recrutadas por convocação feudal, em segundo lugar, os profissionais do exército permanente (COOPER, John Phillips, 1989, p. 223, tradução nossa).³

É possível afirmar que durante a elaboração da federação, para além do fator da união pessoal existente, que se tornou um laço constitucional, por conta do monarca, essa foi uma união *Aeque Principaliter*, onde os estados integrantes continuaram a ser tratados como entidades distintas, conservando suas próprias prerrogativas e sendo administrados separadamente, cada constituinte manteve suas instituições a nível local, de maneira individual. A união era um “casamento” entre as duas partes, onde o papel dominante da Polônia foi diplomaticamente apagado.

No entanto, alguns elementos foram generalizados entre todos os membros das elites, vale salientar o interesse das baixas nobrezas rutenas e lituanas, na união entre as duas nações, uma vez que havia a perspectiva de obter o status da *szlachta* polonesa, que independente da camada de nobreza a qual pertencesse era garantido o direito legal idêntico. Estes direitos incluíam a compra de terras em outras regiões, o poder de limitar os camponeses de deixar terras, bem como a participação mais ampla em cargos de governo. Conformidades em certos níveis e diferenças em outros, em parte pela grande extensão territorial da República, conforme a região, variava o idioma, além do polonês e lituano falava-se alemão e ruteno, principalmente nas províncias fronteiriças. O mesmo pode-se dizer para a questão religiosa, apesar de o Catolicismo ter sido a fé mais praticada, era assegurado o direito à livre culto, entretanto em momentos de tensão religiosa, essa tolerância oscilou.

³ “Lithuania had its own army, separate from Poland's. Apart from the state army, there were the private troops which all manner of potentates... The state army consisted of two entirely different kinds of troops: first, those levied by feudal summons; and secondly, the professional soldiers of the standing army.”

No caso da República, não havia apenas a dependência do rei para com as elites, mas também a necessidade de que houvesse uma situação de acordo entre eles, tanto para a cooperação em nível provincial como também para o governar geral, uma vez que as elites locais faziam parte do parlamento, podendo assim barrar as propostas do soberano caso o mesmo contrariasse seus interesses. Ou seja, havia a necessidade do uso de clientelismo pelo monarca para que pudesse exercer a governança, Zamoyski (2009), apresenta o exemplo de o soberano apenas poder convocar tropas e aumentar impostos se aprovado por todos os *sejmiks*, parlamentos locais, da Polônia-Lituânia.

Observa-se nessa questão uma espécie de colaboração condicional, na qual a elite apenas apoiava as decisões do monarca até o ponto que sua lealdade, interesses ou os benefícios ofertados os permitam, o ponto principal, é que isso era feito pela nobreza pois a mesma tinha força política para tal, e seus direitos eram garantidos por uma constituição, que lhes afirmava a possibilidade de insurreição, *rokosz*, contra o soberano caso alguma de suas garantias fosse violada.

Como apontado por John Elliot (2017), de certo modo, a falta de rigidez, centralização, trouxe vantagens pois acabava permitindo um alto grau de autogoverno local, já que um direcionamento para uma estrutura mais unitária, de uniformidade de leis e impostos, poderia levar as províncias a reagirem, por entenderem que suas identidades estavam em jogo. As voivódias nesse contexto representaram isso, sendo semi-autônomas, dispunham de suas próprias leis, governadores, parlamentos e impostos, porém, de toda forma acabavam contribuindo econômica e militarmente sempre que necessário para com o Centro pois este não era apenas um extrator de riquezas, já que acabava por redistribuí-las entre as províncias.

3. OS COSSACOS E AS TENSÕES COM AUTORIDADES LOCAIS

Em primeiro momento é necessário definir quem são os cossacos, já que o termo é abrangente, tendo em vista que mais de um grupo era denominado como “cossaco”, desde as regiões ao norte do Mar Negro até o Cáspio. Cada um destes se organizava de maneira individual, sem formar uma unidade coesa e habitavam regiões diferentes, o termo era usado durante o século XV para se referir a diversos grupos semi-independentes. Podendo abranger também camponeses fugidos da servidão e criminosos evitando autoridades dos estados da Polônia, Lituânia e do Grão-Ducado de Moscou.

Passaram assim a estabelecer comunidades autônomas nas regiões fronteiriças próximas aos rios Dnipro, interagindo com populações tártaras, dando início a uma mescla cultural, posteriormente foram fomentados pelos monarcas polaco-lituanos a organizar milícias para a defesa das fronteiras, o que formou a identidade do que se conhece por cossaco. Segundo Adam Zamoyski (2009), os cossacos não seriam um povo ou grupo étnico mas sim pessoas que adotaram o mesmo modo de vida e costumes.

A Ucrânia do século XVII era uma região de fronteira, e a partir dela a Polônia-Lituânia expressava suas ambições expansionistas em direção ao Grão-Ducado de Moscou, contra o Canato da Crimeia e o Império otomano. Os cossacos se beneficiavam da animosidade perante outros Estados, já que possuíam uma organização social militarizada, devido principalmente às invasões feitas pelos tártaros ao longo de décadas. Acabaram por também servir aos interesses do Centro na contenção de ataques e realizavam incursões de saques em represália, agradando aos dirigentes poloneses. Isto levou a uma "institucionalização" de parte das forças cossacas através do registro, o qual listava e realizava-se o pagamento aos seus membros, o serviço ao Estado por parte dessa população foi, até certo nível, uma forma incorporação, não drástica, mas que gerou uma relação entre o Centro e a localidade.

Zamoyski (2009) elabora que no entanto, algumas invasões no território ucraniano eram deliberadamente permitidas pelos cossacos, pois estes almejavam realizar retaliações ou ataques marítimos na costa otomana ou da Crimeia, já que a lucratividade seria maior. Assim, apesar de a criação desse "exército" não ter sido totalmente suficiente para sanar os problemas na Ucrânia, a República ainda o necessitava para defender a fronteira sul.

A relação entre cossacos e a nobreza polonesa, sempre foi bastante tensa, havendo conflito de interesses das autoridades locais, compostas pela *szlachta*, para com os cossacos,

já que os primeiros continuavam tentando reduzir o status destes à camponeses, algo que não era aceito por essa parcela populacional. Nem sempre a relação das elites locais e suas decisões para com a sua população decorria de forma consensual ou em medida de colaboração, gerando reações inesperadas ou violentas, já que essas populações não eram passivas política e socialmente.

Deste modo, pequenos desentendimentos podiam transformar-se em verdadeiras insurreições generalizadas, que geralmente eram suprimidas pelos exércitos particulares dos membros da elite ou da República. As ações do centro de poder exerciam pressão no âmbito local, acabavam com os conflitos momentâneos mas mantinham as tensões existentes, que iam se acumulando e resultavam constantemente em motins.

Em 1648, esta revolta, foi inicialmente considerada pela República, como sendo mais uma, dentre as várias outras revoltas cossacas anteriores, as forças militares Polonesas foram enviadas para região a fim de suprimir a agitação ainda em seu início. Porém, com uma sequência de derrotas dos exércitos do poder Central, houve um levante ainda maior das massas revoltosas, dando início a vários conflitos e uma guerra sem precedentes no território ucraniano. A revolta cossaca de 1648, também ficou conhecida por revolta de Khmelnitsky, em função de seu líder, foi a resposta de uma população local, frente a iniciativas e intervenções regionais pelo Estado da Polônia-Lituânia. Marcou também o início de uma série de conflitos que enfraqueceram e corroeram o poder da República, dentre as hipóteses que podem explicar o estopim desse conflito estão fatores políticos, culturais, climáticos e sociais ocorrendo em conjunto.

Conforme Geoffrey Parker (2013), a transferência do controle lituano para o polonês da Ucrânia produziu três consequências desestabilizadoras. Primeira, a Coroa Polonesa impôs funcionários, leis e tropas nos territórios recém incorporados. Em sequência, houveram migrações, saídas de diferentes áreas para este "novo" local, fundaram-se novas cidades e assentamentos, bem como ocorreu o influxo de migrantes para cidades já estabelecidas, gerando um descontentamento na população residente. Por fim, foram concedidas enormes áreas de domínio, inclusive de porções territoriais que eram de uso comum ou comunal, para poucos grandes nobres, julgando que seriam necessárias essas medidas para melhor defesa das fronteiras; estes, nomeavam coletores de impostos, cotas de colheitas e rendas, que se necessário, utilizavam meios de coerção para realizarem as cobranças.

Outro fator importante foi o afastamento da elite rutena, local, em relação à população a qual governava, além do aumento exponencial da nobreza polonesa na região. Este afastamento assimilou-se a uma espécie de cooptação ou alienação cultural, através da

polonização ou ocidentalização, da qual a elite rutena foi se submetendo e adotando, deixando assim costumes locais de lado, incorporando a cultura do centro de poder, não por desconhecimento disso mas de forma deliberada, substituindo inclusive o uso da língua costumeira rutena pelo polonês, principalmente no âmbito oficial e político.

3.1 A REVOLTA COSSACA DE 1648

Em 1648, no território da Ucrânia, composto por parte dos territórios incorporados durante a União de Lublin pela Polônia, iniciou-se uma insurreição, liderada pelo oficial cossaco Bogdan Khmelnitsky, motivada por descontentamento social e ressentimento com a autoridade da República a nível local. Khmelnitsky nasceu em uma família da baixa nobreza rutena, por volta de 1595, quando seu pai, Mykhailo, ocupava o cargo de administrador adjunto da cidade de Chyhyryn.

Apesar de ter tido educação jesuítica em Lwów, onde aprendeu diversas línguas, Bogdan manteve-se cristão ortodoxo, não adotando o Cristianismo Católico e costumes “ocidentalizados” como era de comum ocorrência entre a nobreza local que interagiu com a cultura do Centro. Em 1617 entrou em serviço com os cossacos, foi capturado por forças otomanas em 1620, foi liberado após dois anos, retornando à República das Duas Nações, tornou-se um cossaco registrado, no regimento de Chyhyryn, onde seus serviços lhe garantiram o cargo de oficial escriturário. Em 1638 foi eleito um de quatro emissários para jurar lealdade ao rei e à República a fim preservar os direitos dos cossacos registrados.

No ano de 1637, a partir de deliberações do *sejm*, que declararam a equivalência de direito dos cossacos não registrados aos dos camponeses comuns, resultaram tensões, pois estes estariam sujeitos a cobrança de serviços e impostos bem como ao dever de trabalhar aos nobres detentores das terras aos quais se encontravam ou residiam. Em 1638, seguiram-se essas tensões, após nova decisão do *sejm*, em que fora decidida a construção de um forte em Kudak, próximo ao *Sich*⁴, este, deveria ser guarnecido pelo exército da República, na intenção de observar as movimentações locais. O que fez com que os ânimos se exaltassem, a fortificação foi tomada e saqueada, sua guarnição morta pelos cossacos, que acabaram sendo

⁴ Este, era o centro administrativo e militar Cossaco. Esteve localizado em diferentes fortificações próximas ao Rio Dniipro, ao longo do tempo. Servindo como local em que os cossacos reuniam-se, realizavam a escolha de seus representantes e líderes militares.

derrotados e convencidos da desistência da insurreição através da promessa de pagamento de valores em atraso, facilitando a captura e execução dos líderes.

Frente à derrota sofrida, os rebelados tiveram de jurar obediência à Coroa e aos encarregados locais que a representavam, concordando também com a diminuição no número de registrados para 6000, bem como receber as ordens dadas pelos líderes cossacos indicados pela República ao papel do *hetman*⁵, estes poderiam nomear cargos menores. Entretanto, decorreu que a maior parte das postos de oficiais, distribuídos pelo Centro, foram para membros da *szlachta* polonesa e lituana. Adam Kysil, representante Real na região advertia o governo central que tais ordens poderiam desencadear novos conflitos. Cabendo atentar-se tanto com as aldeias e os camponeses, quanto manter a ordem entre os cossacos, para que estes não pudessem somar forças e gerar novas rebeliões. Porém, continuaram as concessões de terras na Ucrânia e o gradual aumento nas taxas recolhidas pela nobreza "estrangeira" na região.

A série de eventos precedentes combinados com ocorrência de fenômenos naturais adversos, como frio intenso, temporadas de seca e nuvens de gafanhotos que destruíram colheitas também colaboraram para a inquietação dos ânimos já agitados dessas populações. Somando-se aos fatores anteriores, com a iniciativa do rei Wladislaw IV de realizar uma invasão na Crimeia sendo barrada pelo *sejm*. O confisco de terras pertencentes a Khmelnitsky resultando na morte de seu filho, por um oficial da *szlachta* nessa disputa e a impossibilidade de que apelasse judicialmente contra este nobre através das autoridades locais. Levaram o futuro líder da revolta a rumar em direção dos cossacos no *Sich*, que já estavam descontentes com a desmobilização definida pelo parlamento, Khmelnitsky inflamou os ânimos de uma nova rebelião, formando uma aliança com os tártaros.

Ao decorrer da revolta grandes números de camponeses juntam-se a causa cossaca contra os nobres, considerados estrangeiros, aos quais foram desapropriando e lhes expulsando das terras. Além disso houve a tomada de guarnições militares, fazendo com que o estado e a ordem da República não tivesse mais controle sobre essa localidade, ao longo do conflito ocorreu a morte do rei Wladislaw, que era uma figura respeitada pelos cossacos. Forças do Estado e rebelados realizaram acordos ou promessas de paz conforme davam-se os combates, porém estas não se mantiveram por muito tempo, já que os conflitos tão logo retornaram após a conclusão dos acordos.

⁵ Chefe e comandante de um exército, seu cargo estaria apenas abaixo do monarca. A titulação definia tanto líderes das forças polaco-lituanas quanto líderes eleitos pelos cossacos, servindo como representassem em questões administrativas, legislativas e militares.

Segundo Elliot (2017), o sentimento de lealdade a um monarca mais do que a uma entidade estatal, por vezes era mais fácil de gerar, isto é algo perceptível no caso cossaco. Já que estes tinham uma grande lealdade e afeição pela figura do soberano Wladislaw IV, pois o mesmo fomentava as incursões na costa otomana e na Crimeia, além de incluir líderes cossacos nas forças militares compostas por ele. Mesmo não formando uma elite local, é possível observar que existiam laços de apoio ao Centro por parte cossaca, já que este atendia a seus interesses.

A hoste cossaca, ao longo do conflito, atuou como porta-voz da comunidade ucraniana, uma vez que boa parte dos grandes nobres haviam deixado a província e aos pequenos nobres faltava uma coesão, não houve a formação neste momento de uma nova elite social. Um novo acordo de paz fora proposto após a eleição do rei, Jan II Kazimierz (1648-1668), e aceito pelos rebelados, em forma de ultimato por estes, que incluíram várias demandas, como anistia aos participantes da rebelião, aumento do número de registros e admissão de bispos cristãos ortodoxos na Assembleia da República.

Uma vez avançadas as negociações do acordo proposto, houve pressão pelos dois lados negociantes. Para o retorno do exército tártaro à Crimeia, deveria ser aceito que estes levassem prisioneiros e escravizados, já que não teriam obtido os saques prometidos, gerando uma indignação na população da região. Já por parte da República houve a recusa do parlamento em ratificar as concessões prometidas pelo rei, de que nenhum rebelado seria julgado, a participação de bispos ortodoxos nas reuniões do *sejm* e a totalização de 40000 cossacos registrados, algo que na prática tornaria Khmelnitsky chefe de uma unidade autônoma dentro da Comunidade Polaco-Lituana.

Parker (2013), elabora que continuação da guerra para os cossacos poderia ser explicada pelos invernos frios que ocorreram no período, as secas, nuvens de gafanhotos e más colheitas, a continuação da revolta se mostrando a única maneira de conseguir "sustento" para o tempo seguinte, bem como se a paz se firmasse, os nobres da República retornariam e poderiam buscar vingança pelos prejuízos causados.

Em 1654 Khmelnitsky negociou um tratado com o czar Alexei I (1645-1676) em função de auxílio militar contra a Polônia-Lituânia, o que seria vantajoso para ambos, já que Moscou poderia aproveitar da situação para tomar territórios na Lituânia, o aceite veio com a condição de que ocorresse o rompimento da aliança com os tártaros. Ao mesmo tempo seguiram disputas internas de poder na República, o uso de *Liberum Veto* para dissolver a Assembleia do *sejm* antes da votação de todas propostas motivou cidades da Lituânia a desafiar o governo Central e tenderem a se aliar com os cossacos. Aproveitando a situação

de tensões internas lançou-se a invasão moscovita na Lituânia, onde várias cidades foram conquistadas sem luta, com a queda da capital, Vilnius, houve êxito do czar.

As forças suecas apressam-se na tentativa de garantir territórios próprios, foram apoiadas pelos magnatas descontentes ou que pretendiam ocupar a posição de Jan Kazimierz. Com o rei Karl X Gustav (1652-1660) tratando os locais conquistados na República como território ocupado, ao contrário do que imaginavam os apoiadores, de que este seria parte integrante do Reino da Suécia, a Elite da Comunidade Polaco-Lituana iniciou focos de resistência local, a fim de remover as forças invasoras.

Houve a formação de uma aliança entre o czar russo e o monarca polaco-lituano contra a Suécia, gerando atritos entre os próprios cossacos, parte tendeu a apoiar o czar, se opondo a Khmelnitsky, com a morte do *hetman*, ocorreu uma divisão real entre as forças cossacas. A guerra na República seguiu contra a Suécia até 1660 e com a Rússia até 1667, com a trégua de Andrusovo, houve a divisão do território ucraniano entre as duas partes, o grau de autogoverno buscado por Khmelnitsky não se manteve com seus sucessores.

Zamoyski (2009), pontua que a Ucrânia ao invés de ser admitida como uma terceira nação dentro da República era vista e tratada como uma espécie de colônia, tanto pelas elites Polonesas como pelas Elites Locais. Se tratando de uma monarquia composta, essas tensões crescentes entre diferentes grupos que a compunha, acabaram descambando em uma série de eventos que resultaram na revolta cossaca, o enfraquecimento da República, e inesperadamente o fim das aspirações cossacas para um Estado independente.

Os conflitos e contrastes na República Polaco-Lituana demonstraram também a complexidade e diversidade das relações e interações existentes dentro deste vasto território, entre as elites locais e a população, bem como o papel do Estado, nesse caso representado pela figura do monarca como um mediador de conflitos. Não sendo sempre que as medidas e ações tomadas tanto pelo Centro quanto pelas elites locais seguiram planos claros e concisos. Já que por vezes eram decisões resultantes da necessidade de realizar contingências frente a casos inesperados, entretanto, para serem postas em prática de forma efetiva precisavam do consentimento e a colaboração das comunidades, o que por si só já representava um obstáculo em sua implementação.

Nos próximos capítulos trataremos sobre a diplomacia marcial, cabe assim definir brevemente o que é esta. A diplomacia marcial era a uma abordagem na qual as relações seriam influenciadas de forma significativa pelo uso ou a ameaça do uso das forças militares. Envolve o emprego de exércitos como estratégia diplomática, desta forma, a diplomacia marcial podia incluir a demonstrações de forças militares, mobilizações, ameaças ou mesmo

ações militares em si como um meio de alcançar os objetivos diplomáticos, dando maior peso ao momento das negociações, principalmente, se junto à diplomacia marcial estivessem alicerçadas alianças militares ou entre Estados. Essa abordagem leva a entender que o uso da força era considerado uma ferramenta legítima na relação entre estados e forças beligerantes, sendo tratada como a continuação dos acordos e relações por outros meios.

4. PIERRE CHEVALIER E SEU RELATO

O autor do relato de viagem utilizado como fonte no presente trabalho, foi Pierre Chevalier, um oficial Francês do século XVII, que comandou um destacamento militar de cossacos do exército da República Polaco-Lituana, durante o ano de 1646. Posteriormente prestando serviço militar e diplomático à França na Polônia-Lituânia dos anos de 1648 a 1654, atuando principalmente como secretário da embaixada de seu Estado na região. Tendo escrito seu relato acerca dos acontecimentos que se abateram sobre a República entre os anos de 1653 a 1663, em sua língua nativa. Esta obra, sob o título de: “*Histoire de la guerre des Cosaques contre la Pologne, avec un discours de leur origine, país, moeurs, gouvernement et religion, et un autre des Tartares Précopites*”. Fora dedicada ao *Monsieur comte de Bregy*, conselheiro do rei, tenente-general dos seus exércitos e embaixador na Suécia, nos outros Estados do Norte e na Alemanha.

Esta produção, foi então traduzida para o inglês em 1672, por Edward Browne sob o título de “*A Discourse of the Original, Countrey, Manners, Government and Teligion of the Cossacks, With another of the precopian Tartars, and the History of the Wars of the Cossacks Against Poland*”. O relato contém informações importantes acerca da história e dos acontecimentos que decorreram na região em meados do século XVII. Onde há principalmente a descrição dos eventos políticos e militares em questão, fazendo também um trabalho etnográfico, apresentando tártaros e cossacos, comparando suas culturas e comportamentos partindo do ponto de vista francês. Esta obra é composta por 3 capítulos traduzidos e um prefácio elaborado por Edward Browne, o qual substitui a parte dedicatória e o aviso ao leitor do escrito original.

O prefácio apresenta brevemente o que será encontrado durante a leitura do relato. De descrições dos cossacos e suas habilidades marciais, as incursões de otomanos e tártaros na região ucraniana, a Polônia seus representantes e figuras notáveis, bem como uma rápida explicação sobre o autor da obra e seu contexto no momento. Browne, ao final do prefácio, explica que tentou manter os nomes originais em meio a tradução. Quanto ao primeiro capítulo e seu subcapítulo, estes focam, de forma mais específica em descrever e contextualizar acerca dos cossacos, seus costumes, a região que habitam e demais aspectos de vida, assim como o mesmo é feito para apresentar elementos sobre os tártaros. Já nos seguintes, trata-se sobre o conflito deflagrado em 1648, apesar de se tratar do mesmo embate, Chevalier elabora cada capítulo como sendo uma guerra e depois outra, capítulo 2, a história

da guerra dos cossacos contra a Polônia, e capítulo 3, a segunda guerra dos cossacos contra a Polônia.

Devido a maior proficiência no idioma inglês, utilizarei a versão traduzida por Browne, bem como ao longo dos capítulos não utilizarei citações diretas, preferindo adaptar o texto e realizar explicações pontuais por motivos de tradução e contextualização. Já que alguns termos e estruturas de fraseamento utilizados tanto por Browne quanto por Chevalier podem ficar confusos se retirados isoladamente do maior contexto geral.

4.1 ORIGENS DOS COSSACOS, REVOLTAS ANTERIORES E COSTUMES APRESENTADOS NA OBRA

No capítulo inicial, Chevalier busca traçar a origem ou surgimento dos cossacos, elabora que o esse grupo “se iniciou” durante o reinado de Sigismundo I (1506-1548) a partir de voluntários da Rutênia⁶, Volínia, Podólia e de outras províncias polonesas, que se agrupavam para realizar pirataria e incursões no Mar Negro, agindo tanto em mar quanto em terra. Em determinados momentos chegavam a saquear cidades como Trebizonda, Sínope e locais próximos de Istanbul, onde obtinham grandes saques e prisioneiros. Após isso retornavam para seus locais de origem, em que apontavam o próximo ponto de encontro para partirem em incursões seguintes, geralmente este ponto sendo em ilhas no Dnipro.

O autor francês, credita ao rei Stephan Bathory (1576-1586) a organização inicial de forma mais militarizada deste grupo, para a defesa das fronteiras, contra incursões dos tártaros da Crimeia. O qual, organizou uma guarnição na cidade de Trethymirov, indicando um oficial entre os membros, incorporando para a guarnição duzentos cavalos como montaria e garantindo além do pagamento de soldos, imunidades e benesses. Destas, as principais seriam a dispensa do pagamento de tributos sobre colheitas, a reserva de um quarto das terras da coroa para o uso, com finalidade de subsistência e o não atrelamento a um nobre ou suas terras. A guarnição nesse local, bem regulada e se sustentando, prestava bons serviços à coroa impedindo as incursões. Isto fez com que as cidades de Braclaw e Bar, começassem a ser mais densamente populadas, Kiev também viu sua população ser aumentada, novas cidades e fortificações foram sendo estabelecidas por populações vindas das províncias próximas.

⁶ No relato chamada de *Black Russia* ou simplesmente *Russia*.

Em seguida, são apresentadas breves explicações sobre as rebeliões que antecederam a insurgência de 1648 e que tiveram maior impacto nas reações e medidas tomadas pela República Polaco-Lituana a fim de apaziguar as tensões na região.

Para Chevalier, essa milícia apesar de gerar certa segurança na região, em pouco tempo começou a ser prejudicial à Coroa, através de seguidas revoltas. Estas, eram geralmente fomentadas pela compreensão cossaca de sua importância na área, bem como a recusa de receber ou acatar ordens dos superiores. O primeiro destes levantes é datado de 1587, sendo duramente punido pela República por meio da captura e decapitação de seu líder e organizador. Em 1596, a proibição da pirataria no Mar Negro, por parte do rei Sigismundo III (1587-1632), fez com que os cossacos se voltassem contra possessões da República. A Rutênia e Lituânia foram saqueadas, com violência considerada sem precedentes por Chevalier. Forças polonesas lideradas por seu general, conseguiram se impor sobre os cossacos, forçando-os a entregar seu líder, que teve a mesma punição aplicada nove anos antes.

Outra mobilização, surgida no ano de 1637, fracassou, tendo como principal motivo de seu início a obtenção de terras nas fronteiras pela *szlachta*, em locais que eram de uso dos aquartelamentos cossacos e terras comunais, bem como a tentativa da nobreza em implementar na região a mesma jornada de trabalho das outras províncias da República e a decisão pelo *sejm* da equivalência de direito dos cossacos não registrados aos dos camponeses, o que não foi bem aceito pela população local. Portanto, este histórico de revoltas cossacas oferece base para que a *szlachta* persuadissem o rei Wladislaw IV (1632-1648) e o parlamento de que seria necessário punir a insolência cossaca, principalmente por sua influência sobre outros súditos e camponeses.

Para isso iniciou-se em 1638 a construção de um forte em Kudak a fim de aquartelar forças da República que pudessem monitorar e controlar os cossacos da região. O *hetman* Stanislaw Koniecpolski e um coronel francês chamado Marion, haviam sido encarregados de supervisionar a construção da fortificação. A desconfiança para com as finalidades desse forte, e a diminuição dos cargos com registro, permitiram que Pavlyuk liderasse os cossacos, este ordenou a tomada de Kudak e posteriormente, com suas tropas atingira Korsun⁷, proclamando-se *hetman*, logo foram derrotados pelas forças do marechal Potocki e obrigados a entregar seus principais líderes. Pavlyuk foi então julgado e executado em Varsóvia.

⁷ Maior entreposto da república na região da fronteira, também era um aquartelamento dos cossacos registrados em serviço conjunto com forças da república.

Após tal evento houve uma intensificação das ações do Centro, isto é, das instituições da República. Para reduzir a possibilidade de novas rebeliões, foram tomadas medidas de redução ainda maiores no número de cossacos registrados e de seus privilégios. Estas forças foram reorganizadas por oficiais da República, a fim de tornar essa milícia mais obediente. A incorporação dos cossacos visara a formação de uma força militar de apoio, contra tártaros e otomanos, mas se tornou um elemento de instabilidade nas terras orientais da República.

Os efeitos indesejados dessas decisões foram sentidos logo após dois anos, quando uma invasão dos tártaros atingiu regiões mais internas da Ucrânia com saques em Pereslaw, Korsun e Wiśniowiec, algo que não acontecia antes da redução das milícias cossacas. Posteriormente, após a resolução dessas invasões o rei Wladislaw reestabeleceu de forma total os números cossacos, tornando Bogdan Khmelnitsky seu general, para futuros conflitos contra tártaros e otomanos.

Chevalier conclui que de todo contexto apresentado, pode-se inferir que os cossacos eram mais uma organização militarizada do que um povo ou etnia, fazendo uma comparação com os franco-arqueiros (*free-archers*) estabelecidos na França pelo rei Carlos VII (1422-1461), também diferencia que os cossacos do Dnipro, também chamados de Zaporozhianos⁸, eram distintos dos cossacos do Don, no Grão-Ducado de Moscou.

Em sequência, o autor francês elabora descrições acerca da região em que viviam os cossacos, chamada *Ukrain*⁹, que durante os períodos quentes era constantemente assolada por mosquitos e moscas, entretanto, a pior praga seriam as nuvens de gafanhotos vindas do leste nos períodos de muita seca. Chevalier, avalia e aborda também os modos de vida que levavam os cossacos, sendo considerados apreciadores da liberdade, não se importando muito em angariar riquezas pessoais, adeptos da caça e pesca, bem como de outras atividades de subsistência. Caracteriza-os como persistentes, traiçoeiros e grandes alcoólatras em tempos de paz. Professavam a “religião grega” ou seja o Cristianismo Ortodoxo, diferindo de maior parte da população e da nobreza da República que seguiam o Catolicismo, Luteranismo ou Calvinismo.

Seu ponto de reunião, denominado *Sich*, localizava-se ao longo de fortificações no Dnipro, servindo de tesouro do exército, onde armazenavam os saques e valores de suas invasões. Ali anualmente se organizavam e elegiam um general e seus representantes, para conduzir e comandar as expedições. Partiam em suas embarcações, podendo ter em geral de

⁸ Termo relacionado à região da Zaporizhzhia, esta significando “terra além das corredeiras”. Zaporozhianos se referindo assim a populações desse local

⁹ Termo eslavo, usado para definir uma fronteira, esta, no caso se estendia para além das regiões da Volínia e Podólia.

12 a 20 remadores, estas, eram mais velozes que as galés otomanas, alocando de cinquenta a sessenta homens, que tanto em ataques marítimos quanto em terra, pilhariam tudo que fosse possível levar nos barcos.

É mencionado pelo autor do relato que tais ocorrências podiam levar o sultão otomano a fazer reclamações, por meio de cartas, ao monarca da República, que geralmente não as respondia, uma vez que isto era semelhante ao que ocorria na Polônia-Lituânia com os tártaros, vassalos otomanos. Avalio que a prática antecipa o que atualmente entendemos por *proxy-war*, onde dois Estados utilizam de modo intermediário forças locais, guerreando entre si, evitando um combate direto.

A situação dos servos e camponeses nas províncias da República, são observadas por Chevalier, que traz comparações do seu status ao de escravos. Pois eram obrigados a trabalhar de 3 a 4 dias para seus senhores, geralmente nas terras, com plantio, colheita e coleta de lenha, podendo ainda quando requeridos, desempenhar outra vasta gama de funções, além disso deviam pagar porcentagem de 10% sobre animais como ovelhas e porcos. Isso pontuado, pode-se contextualizar através de Perry Anderson (2004), em Linhagens do Estado Absolutista, que o poder da nobreza se consolidou, através do fortalecimento do sistema servil e da exploração crescente dos camponeses em uma forma mais intensa de servidão. Denominada como segunda servidão, esta tinha respaldo jurídico que impunha tributos e corvéias, dos quais os descumprimentos poderiam ser punidos. Anderson pontua também que a imposição da servidão ao campesinato ruteno tornou turbulenta a presença da Comunidade Polaco-Lituana na região.

A Chevalier, isto, adicionado ao mal tratamento que recebiam por parte dos judeus, encarregados pela *szlachta* para a regência, administração e trabalho em suas propriedades e que mesmo durante os conflitos, exerciam seus deveres com grande rigor, controlando e limitando a produção de cerveja e aguardente. Comenta, então que não havia de se questionar o motivo de frequentes insurreições. Adam Zamoyski (2009), em sua produção sobre a história da Polônia, pontua que os judeus eram fomentados a ir para a região pelos proprietários de terra, para que atuassem como intermediários, agentes, cobradores de impostos e estalajadeiros, sendo odiados pela população local, principalmente os cossacos, entretanto não descreve motivos específicos para tal.

Entendo que pela soma de fatores descritos, ocorresse tão forte oposição e reações da parte cossaca com as tentativas de igualar o status de direito dos não registrados ao dos camponeses. Mas quais seriam as diferenças nos direitos? Para melhor compreender, devemos defini-las, podendo assim comparar e chegar a um resultado.

Os cossacos registrados, eram oficializados, estando contabilizados em uma lista pelo Estado, recebiam soldo por seus serviços, desfrutavam também de isenções da maioria das cobranças exigidas aos camponeses e possuíam liberdades individuais. Quanto aos cossacos não registrados, somente eram mobilizados em tempos de guerra, garantindo seus lucros através dessa, no restante do tempo subsistiam de forma semelhante aos camponeses, porém suas terras seriam comunitárias na região da fronteira, geralmente próximos ao *Sich* cossaco. E os camponeses, como já mencionado, dispunham de liberdades restritas, estavam atrelados à um nobre ou sua propriedade, tendo deveres com este.

Desta forma, aos cossacos não registrados, a possibilidade no aumento dos registros significaria a garantia de um pagamento, relativamente contínuo e a oficialização de seus direitos. Em anos anteriores à revolta, essas possibilidades fizeram aumentar o número de cossacos, com populações fugidas da servidão integrando essa força nas fronteiras onde o poder da nobreza ainda era pouco ou quase nulo. Em oposição, a equivalência de seus status ao de camponeses colocaria em jogo suas liberdades. Algo semelhante acontecia com a possibilidade de diminuição no número de registros, pondo em cheque a estabilidade conhecida pelos cossacos registrados.

Caracterizo este capítulo do autor francês como sendo uma etnografia, pois busca nos informar alguns costumes, modos de vida, organização e região habitada pelos cossacos, na medida em que relata e conduz o texto, apresentando elementos que possam auxiliar na compreensão do que está sendo tratado. Dispõe também um subcapítulo sobre os tártaros, explicando o seu contexto e particularidades.

4.2 A HISTÓRIA DA GUERRA DOS COSSACOS CONTRA A REPÚBLICA

Este capítulo, após os temas introdutórios e contextualizações sobre cossacos e tártaros aborda os momentos que levaram a guerra e o seu início. Apresenta os vários e poderosos inimigos que a República teve ou ainda tinha de lidar, como o ducado da Prússia, otomanos, tártaros e o reino da Suécia. A Comunidade Polaco-Lituana estava administrando as rivalidades externas com relativa segurança, até a deserção dos cossacos em 1648. Segundo avaliação de Chevalier, estes teriam deixado de lado todo ódio mortal e irreconciliável pelos seus inimigos tártaros para formar uma aliança, que ao decorrer de quatro anos de conflito,

realizou quatro grandes invasões conjuntas nos territórios da República, com exércitos de 200 a 300 mil homens, se somadas as forças tártaras e cossacas.

Em seu relato, o autor aponta Khmelnitsky como a centelha que irrompeu a guerra, apresenta uma historização dessa figura, quando jovem juntou-se à milícia cossaca, de soldado foi gradualmente promovido, tornou-se capitão, posteriormente comissário-geral e por fim general, era letrado, algo que era pouco comum para pessoas em sua circunstância.

Em 1646, o rei Wladislaw pretendia realizar uma expedição para empurrar os tártaros para fora da Crimeia, e julgava Khmelnytski como uma boa escolha para liderar as forças cossacas. Porém, enfrentando forte oposição por parte do parlamento, o rei se viu obrigado a cancelar as preparações e debandar suas próprias tropas, bem como ordenar a desmobilização cossaca.

Geoffrey Parker (2013), elabora que o plano de Wladislaw era lançar um ataque massivo de cossacos contra os tártaros. Isto tinha um apelo considerável aos cossacos, já que guerra aumentaria o número de registrados para 12.000, portanto seriam pagos. Entretanto o parlamento se recusou a aprovar os fundos necessários para esse empreendimento, com o comissário e os subordinados enviados aos cossacos, agindo de forma ultrajante, enquanto Bogdan Khmelnitsky estava em Varsóvia, em 1646, para receber instruções sobre a campanha planejada pelo monarca. Zamoyski (2009), aprofunda-se nos motivos para que o monarca planejasse tal ação, explicando que o objetivo final de Wladislaw seria a retomada de Istambul, algo que lhe garantiria uma fama duradoura.

Khmelnitsky fora de serviço esteve envolvido em uma disputa de terras contra um oficial das forças da República. O que resultou na morte de um de seus filhos nessa disputa, viu-se afastado de apelar pela via legal, pois os tribunais eram em sua maioria compostos por membros da *szlachta*. A reação de Khmelnitsky então foi gerir os descontentamentos, tanto dos cossacos como dos camponeses rutenos, contra a nobreza que os mantinha em “servitude e opressão”. Já que as cartas e queixas enviadas à República, em protesto às injustiças contra os cossacos e a ele mesmo não tiveram efeito, pelo contrário, voltaram as forças do Estado contra eles, fazendo assim com que fosse buscar o apoio dos tártaros.

Partindo destas informações devemos reconhecer o que se indica como uma busca de soluções diplomáticas. Através do arbítrio do poder legítimo, onde haveria a tentativa de resolução pacífica que gerisse os desentendimentos, essa possibilidade esgotada, através da reação estatal em suprimir as queixas, resultou na tomada de ações violentas, a diplomacia pela espada, por parte dos requerentes cossacos e camponeses.

A República a fim de sufocar o levante ainda em seu berço mobilizou parte do exército designado para guardar as fronteiras em conjunto com cossacos registrados a serviço do Estado. Porém, parte dessas tropas acabou unindo-se à revolta, inclusive tropas de Dragões¹⁰, fazendo com que a primeira batalha fosse vencida sem grandes dificuldades por parte cossaca, já que as forças leais a República somavam um número muito menor do que os rebelados. Ao serem informados da situação, os comandantes das tropas da República decidiram recuar, porém foram emboscados em uma área pantanosa, na qual acabaram sendo mortos ou capturados.

Esse acontecimento próximo da região de Korsun, somado ao falecimento repentino de Wladislaw IV, foi um golpe para a estabilidade da Comunidade Polaco-Lituana. Chevalier afirma que o monarca poderia ter exercido rapidamente sua autoridade e cessado a insurgência, pois era ao mesmo tempo bem estimado, respeitado e temido por seus aliados e inimigos. Haveria ainda o desconhecimento da morte do monarca por Khmelnitsky. Que após suas vitórias enviara uma carta em tom submissivo ao rei, justificando ter tomado tais medidas por conta da insolência dos governantes e da “rapinaria” e extorsão cometida pelos judeus, administradores das terras dos nobres. Alegava tão drástica ação como defesa, prometendo o desbande dos tártaros e a total obediência à majestade, conforme reforçava o pedido de manutenção de seus privilégios e dos cossacos, garantidos pelos monarcas anteriores.

Posteriormente, Adam Kisiel, palatino de Braclaw, enviara por meio de um monge Ortodoxo, uma carta explicando sobre a morte de Wladislaw ao líder cossaco. Segundo Chevalier, esta era dotada de tom ameno, objetivando fazer com que os rebelados retornassem a obediência, os relembrando as antigas relações de fidelidade com a República. Onde suas liberdades foram sempre muito constantes e que viviam num Estado em que todas as pessoas, principalmente os militares, tiveram sempre livre acesso para defender os seus interesses e para se queixarem das injustiças que sofriam.

Kisiel propôs-se a interceder pelos cossacos no Senado da República, desde que os tártaros fossem enviados de volta e as forças cossacas retornassem a seus postos enquanto ele delegaria quem os representasse e, particularmente, a Khmelnitsky em suas queixas. Sendo Kisiel a pessoa na posição e qualidades dentro do Estado Polaco-Lituano, em que as ordens e decisões não seriam dadas sem que ele soubesse, reafirmava que estaria mais interessado em que a revolta terminasse de modo pacífico e imediato do que em batalha.

¹⁰ Tipo de tropa de cavalaria ligeira, capaz de lutar a cavalo ou a pé, com armas de fogo ou de corte.

Após a leitura da carta recebida, Khmelnitsky aprovava a proposta, assim como muitos outros cossacos, este, determinou o cessar de todas hostilidades, devendo aguardar a resposta vinda da República. Ordenara o retorno dos tártaros para a Crimeia, onde deveriam ficar a postos para qualquer eventualidade. Chevalier nota que a moderação do líder cossaco não se dava sem artifícios, pois aparentemente houve a parada do avanço, das hostilidades e vitórias a fim de evitar grande derramamento de sangue para que se obtivesse o perdão pela rebelião mais facilmente. Enquanto mantinha posição de apaziguamento com o Estado, Khmelnitsky permitira que um comandante cossaco subordinado, junto aos camponeses sediciosos dessem continuidade a saques na Podólia e Rutênia, simulando condenar essas ações, prometia entregar os líderes dessas forças para a República.

Tropas de Jeremi Wiśniowiecki somadas as do palatino de Kiev e do regimento de guardas reais enfrentaram e conseguiram deter o avanço das incursões realizadas pelos camponeses, apesar disso, como não tinham um líder concreto no comando desse somatório de tropas, decidiram em conjunto que seria mais vantajoso uma retirada para reorganização.

Aproveitando a situação, forças cossacas, tentaram tomar a cidade de Lwów, que era um considerável centro de comércio na região. Esta, durante dias demonstrou grande resistência, quase sendo conquistada devido a falta de guarnições, suprimentos e deserção de tropas. Por fim, pagaram um grande valor, fazendo assim com que o cerco fosse abandonado pelos cossacos. Já a cidade de Zamoscie contava com fortificações e estava servindo de “asilo político” para a *szlachta* exilada de suas terras na Rutênia pelos rebelados. Além destes, ali se encontravam os palatinos de outras regiões com suas forças particulares, bem como e mil e quinhentos homens enviados pelo palatino da Pomerânia. Todas tentativas de invasão foram repelidas por meses, após a perda de considerável número de tropas, os cossacos recuam para os territórios ao qual dominavam, no sul da Rutênia.

O autor francês, reforça que não deveria ser esquecida a assistência prestada por Luís XIV (1643-1715) à República. Que mesmo com a Fronça, guerra civil na França, concomitantemente à guerra franco-espanhola, o monarca enviou 800 tropas auxiliares, pagas particularmente por ele, sob o comando do coronel polonês que havia comandado em Flandres um regimento de mesma origem. Chevalier informa que pessoas influentes¹¹ haviam iniciado negociações e acordos de paz com Khmelnitsky. Conseguindo apenas garantir uma trégua durante alguns meses, antes do tempo combinado, forças rebeldes realizavam provocações em diversos pontos de fronteira, com a coroação de Jan II Kazimierz, logo após

¹¹ Possivelmente tratava-se de representantes do grupo designado historiograficamente como magnatas, estes, formavam uma elite dentro da *szlachta*, pois além de serem grandes proprietários de terras, adquiriam poder político e usavam desse para exercer influência.

sua eleição, houve a retomada de vários locais que haviam sido conquistados pelos cossacos, rendendo grandes saques para a República e suas tropas.

Com o início da primavera Khmelnitsky convocara novamente os tártaros para uma incursão. No mesmo período os exércitos da República próximos da fronteira, se reuniram na cidade de Zbaraz, não são citados números, mas Chevalier comenta que muitas tropas foram estabelecidas e equipadas às custas dos próprios nobres. Dentre quais os comandantes eram Jeremi Wiśniowiecki, duque da cidade, Aleksander Koniecpolski e o general Andrzej Firlej. Estes, antecipando um possível cerco pelas forças combinadas de cossacos e tártaros, ordenaram a reunião provisões, o conserto das fortificações na cidade bem como a criação de entrenchamentos, também garantindo o controle do lago próximo à cidade para o suprimento de água.

O exército composto entre cossacos e tártaros não tardou em cercar a cidade, em 13 de Julho de 1649, lançaram um ataque contra Zbaraz, com as tropas de Firlej e Wiśniowiecki rebatendo os assaltos às suas posições, isto ocorrendo por 17 vezes, segundo Chevalier. Houve o uso de estratagemas pelas forças invasoras, com utilização de vestes otomanas a fim de simular o recebimento de reforços externos, e o envio de cartas por Khmelnitsky direcionadas tanto ao general Firlej, induzindo a um acordo, quanto às tropas estrangeiras, principalmente germânicas, aconselhando a deserção.

Houve, durante o cerco a continuação dos assaltos contra a cidade e suas defesas. Desta forma, no relato é determinado que a diminuição das provisões e moral das tropas da República, fez com que alguns generais simulassem receber cartas escritas pelo monarca e dotadas de selo real, fossem lidas ao público, prometendo o envio de reforços e alimentos, a fim de encorajar o exército. Logo após, menciona-se que um nobre a serviço dos cossacos, enviara um total de quatro cartas, na qual informava sobre a chegada do rei, de sua localização em Zborów e que os cossacos tendo tais informações tentariam redobrar os ataques à cidade. Em maior parte isso foi descreditado pelas tropas cercadas, como sendo um novo artifício de seus generais, estas teorias no entanto se provaram incorretas.

Com a chegada das tropas reais em Zborów, Khmelnitsky e o khan tártaro Islâm III Giray, dividiram as tropas, mantendo parte no cerco, se dirigindo com o restante em direção ao exército de Jan Kazimierz. Este, era composto por tropas particulares e da República, comandadas por vários nobres poloneses e lituanos. As forças da rebelião atacaram em várias frentes, quebrando parte das defesas, posteriormente sendo repelidos, ao fim do dia encerraram-se os engajamentos. Com isso, houve o aproveitamento para a elaboração das

estratégias de defesa no conselho de guerra, onde os comandantes debateram sobre como desvincular Khmelnitsky da aliança com Giray.

Chevalier comunica que para tal, enviou-se um prisioneiro tártaro com uma carta de Kazimierz, onde, em tom pessoal o monarca se dirigia diretamente ao khan. Reprendendo a falta de senso de honra e do esquecimento dos favores e bom tratamento concedidos por Wladislaw IV, enquanto Giray havia sido prisioneiro na Polônia em anos anteriores. O monarca demonstrava estranhamento com a finalidade do khan em uma associação com rebeldes e servos, afirmara que tal confederação não seria promissora. Kazimierz ofereceria assim a sua “amizade”, um tratado de paz, se o líder tártaro a considerasse mais importante que a aliança com os revoltosos.

No dia seguinte seguiram as batalhas, com as forças dos cossacos e tártaros dividindo-se em duas. Uma atacou a posição real, que conseguiu se manter e rechaçar os ataques, e a outra tentava tomar uma posição estratégica utilizando-a para atirar com mosquetes, algo que em primeiro momento conseguiram, posteriormente tendo de abandonar a localização e desistir do avanço devido ao grande número de tropas da República que tentava reconquistar o local.

Com a chegada da resposta do khan para a carta de Kazimierz, em que este se dizia mais inclinado a uma acomodação e o fim das batalhas, reconhecia sua relação e obrigação com a coroa. Ressaltava que após a eleição, se o monarca houvesse se dirigido a ele, Giray teria dado mais valor às relações com a Polônia-Lituânia do que aos rebelados, apesar de no momento perceber o quão mais vantajoso teria sido esse acordo. Porém, este não pretendia encerrar sua aliança, tentaria no entanto convencer os cossacos a baixarem suas armas e retornar a obedecer a República, desde que os tratados anteriores fossem cumpridos, isto, logo foi seguido por uma carta de Khmelnitsky assegurando a fidelidade e futuros serviços para com a Coroa.

Fora realizada uma conferência, em local de concordância, por parte do khan exigiu-se o retorno dos pagamento dos tributos, previamente recusados por Wladislaw, e para cobrir as despesas da mobilização tártara, deveria haver a permissão de saque e captura de escravos durante o retorno à Crimeia. Em prol dos cossacos exigia do monarca a satisfação de suas requisições. Em 17 de Agosto de 1649, ocorre o retorno dos representantes e a conclusão do tratado de paz em Zborów¹². Os artigos e condições acordadas seguem a ordem apresentada por Chevalier em seu relato, aos tártaros estes foram:

¹² Conhecido atualmente por Tratado de Zboriv.

1. Deveria haver uma amigável paz entre Jan Kazimierz, rei da Polônia e seus futuros sucessores com Islâm III Giray, khan tártaro, e a família Giray.

2. Que o monarca deveria retomar o pagamento de tributos ao Canato.

3. Em consideração aos artigos anteriores o khan estaria compromissado a auxiliar o monarca com todas as forças contra seus inimigos, quantas vezes fosse necessário.

4. O khan deveria assegurar as fronteiras da República contra saques cometidos por seus súditos.

5. Que as tropas tártaras em Zbaraz deveriam se retirar, deixando o exército cercado se dirigir a qualquer lugar que o monarca apontasse.

6. O khan e suas tropas deveriam se retirar dos territórios da República.

7. O monarca, em consideração com sua relação com o khan, deveria conceder um perdão geral para Khmelnitsky e suas forças, reestabelecendo a milícia cossaca em sua antiga formação, números e liberdades.

8. Além dessas condições, 300 mil florins foram prometidos ao khan, dos quais 100 mil foram pagos imediatamente.

Já o acordo com Khmelnitsky seguiu sob as seguintes condições:

1. O monarca concederia carta de perdão aos cossacos e camponeses rebelados.

2. Que Khmelintsky deveria cair de joelhos e pedir perdão ao monarca.

3. Khmelnitsky seria mantido como general dos cossacos, estes, somariam o total de 40 mil, com a qualidade de armamento e treinamento dependendo apenas do monarca.

4. A Coroa deveria manter uma lista dos 40 mil cossacos e onde habitavam, para que quando Khmelnitsky falecesse, fossem comandados por um de seus próprios oficiais.

5. O exército da República cercado em Zbaraz deveria ser libertado.

6. Que o exercício da fé grega, Cristianismo Ortodoxo, deveria ser permitido através do reino, devendo cessar a união com a fé Católica, isto significando o fim da Igreja Uníata¹³.

7. O Palatinado de Kiev deveria ser sempre concedido a um cristão ortodoxo.

8. Que o bispo metropolitano ortodoxo deveria ter lugar no Senado entre os bispos católicos.

9. Os cossacos seriam permitidos a fazer sua própria aguardente, sendo estrita ao consumo.

10. Seriam subsidiadas aos cossacos vestimentas e a soma de dez florins por homem para se armarem.

¹³ Criada por volta de 1595, apresentava características particulares ao contexto Polaco-Lituano. Em que o clero Cristão Ortodoxo renuncia à autoridade e jurisdição do Patriarcado de Constantinopla em favor do reconhecimento à autoridade da Santa Sé.

11. Que a nobreza retornando a suas terras e posses, não deveria perseguir seus súditos pelos danos recebidos durante a guerra.

12. Os nobres, católicos ou ortodoxos, que tomaram parte com Khmelnitsky deveriam ser isentados de qualquer acusação.

Em cumprimento ao segundo artigo Khmelnitsky dirigiu-se ao rei e pôs-se de joelhos, discursou, mencionando que preferiria ter comparecido diante deste por algum notável serviço prestado do que pelo derramamento de sangue. Assim, solicitou perdão e prometera reparar seus erros em futuros deveres. O monarca posteriormente respondeu, por meio do vice chanceler da Lituânia, que o arrependimento de seus súditos era mais aceitável que a punição, sendo assim perdoara o que havia ocorrido.

Após essas ações, o líder cossaco e o khan ordenaram o desbande das tropas e Kazimierz com seu exército retirou-se em direção a Lwów. Chevalier afirma que as forças em Zbaraz, defrontadas com sua situação extrema, mantiveram-se antes pela raiva e desespero do que pela esperança de auxílio durante os dois meses de cerco. Tendo recebido em 21 de Agosto 1649 a notícia, através dos cossacos, sobre o acordo de paz em Zborów, o que gerou desconfiças sobre a veracidade da informação, ao fim outra mensagem fora enviada por um oficial da República, que assegurava-os de sua liberdade, junto a concessões de títulos, gratificações e cargos aos nobres Firlej, Wiśniowiecki e outros.

As informações anteriores, apresentadas na obra de Chevalier, focam na ação cossaca mais direcionada contra os territórios poloneses, em seguida, este apresenta a situação do conflito na Lituânia. No qual a revolta se espalhou mais rapidamente pelo território, em razão das conformidades que habitantes dessa região apresentavam com os modos e religião dos cossacos. Comunidades de Starodub e Homel foram favoráveis a rebelião, bem como outras cidades, que haviam sido tomadas sem batalha, através do apoio de suas populações. Ocorrera a oposição por parte da nobreza lituana, porém, a assistência por parte do Estado foi vagarosa, somada à ausência do Príncipe Janusz Radziwiłł, *hetman* da Lituânia, durante eleição do novo monarca, fez com que as defesas não conseguissem organizar uma mobilização de forma rápida.

Os rebelados tendo aproveitado a ausência de Radziwiłł, conquistaram a cidade de Sluczk, enquanto na populosa cidade de Pinsk foram derrotados pelo major general da Lituânia, durante o conflito, este foi um centro de onde os cossacos e sediciosos partiam e retornavam. Em represália, quando retomada pelas forças lituanas, a cidade foi saqueada e queimada como exemplo. Com o retorno do Príncipe Radziwiłł, mais cidades retornaram ao

controle lituano, conquistadas por ele, ordenou duros julgamentos aos apoiadores das forças inimigas.

Sob ordens de Khmelnitsky, Illia Holota e dez mil homens adentraram territórios lituanos, incorporando camponeses que tomaram parte das forças cossacas. Objetivavam um ataque surpresa contra os exércitos lituanos nos aquartelamentos em Zahal, entretanto foram rechaçados pelas forças do *hetman* lituano, que os perseguiu até um pântano, onde o exército rebelde pereceu tanto pela espada quanto pelas condições do terreno. Stiepan Podobajla foi escolhido por Khmelnitsky para substituir o posto de Holota, sendo ordenado a manter uma posição fortificada próxima ao rio Dnipro e incendiar Loiwogrod, que servia de local para reagrupamento e retirada das tropas lituanas.

Khmelnitsky ordenara envio de reforços em direção à Lituânia, sob o comando do nobre polonês Mykhailo Krychevsky¹⁴, que após ter adentrado o território lituano, dirigiu-se contra as tropas de Radziwiłł. Ao decorrer da batalha, o comandante polonês dos cossacos, receava uma emboscada, ordenou a retirada adentrando uma floresta próxima. Paralelamente Podobajla e suas forças cruzavam o rio para auxiliar Krychevsky. Ainda estavam desorganizados quando foram surpreendidos pelo exército de Radziwiłł, resultando em 4500 cossacos mortos em batalha ou afogados, o restante das forças escapara usando a formação de *tabor*¹⁵ para unir-se com as demais tropas cossacas. Ao fim do dia, e o receio de que Radziwiłł os atacasse pela manhã, foi definida uma retirada, abandonando feridos, dentre estes, Krychevsky, que acabara sendo capturado por tropas lituanas para julgamento, entretanto, faleceu pelos ferimentos pouco tempo depois. Os exércitos cossacos já se reorganizavam e preparavam um novo ataque contra a Lituânia no momento em que o tratado de Zborów foi firmado, com isso, ordenou-se o seu retorno.

Vemos que após os combates iniciais, surgiram novas tentativas de solução dos atritos, tanto por parte de Khmelnitsky representando os cossacos como por Kisiel intermediando pela República. O primeiro buscava justificar, em forma de submissão direta ao monarca, as ações que os levam à violência, ao mesmo momento que elaborava o pedido de manutenção dos privilégios cossacos. Por parte de Kisiel, vemos a tentativa diplomática para a resolução dos desacordos, através dos meios legais e legítimos, com a proposta de representação das queixas, seja para evitar uma escalada no conflito ou de maiores danos, já que de todo modo batalhas teriam custos monetários, humanos e logísticos aos dois lados.

¹⁴ Incorporado ao exército cossaco após derrota polonesa em Korsun, onde fora capturado, conheceu e manteve boas relações com Khmelnitsky.

¹⁵ Fortificação móvel cossaca, feita com carroças, formado um campo defensivo improvisado.

Neste primeiro enfrentamento, ou como Chevalier se refere “A Guerra dos cossacos contra a Polônia-Lituânia”, avalio que a República é surpreendida pela aliança entre Giray e Khmelnitsky. O líder cossaco fez o uso de violência moderada como demonstração da força de seus exércitos, mas não em demasia, a fim de que os rebelados pudessem ao mesmo tempo exigir termos e ter o perdão pela revolta garantido.

Percebo que na alternância entre batalha e diplomacia, os momentos de guerra e de paz, se pesavam as opções possíveis. Seria vantajoso um acordo? Ou através da continuação dos combates poderiam realizar-se maiores exigências? Ao exemplo da troca de cartas feita entre o khan e o monarca, houve a tentativa de um tratado, ou consenso. O reconhecimento do primeiro de que uma ligação com a República seria muito mais vantajosa, entretanto este não recusaria sua atual aliança. Giray, por entender sua posição de vantagem pôde fazer duras exigências, como a retomada do pagamento de tributos e a captura de escravos ao retornar para a Crimeia, em troca de convencer seu aliado a baixar armas. O que ocorreu logo após, com a carta de Khmelnitsky garantindo ao monarca sua obediência.

O tratado de Zborów, foi o resultado da diplomacia marcial, os conflitos poderiam ter seguido, entretanto teriam grandes custos à ambas as partes, cossacos e tártaros impuseram suas exigências, Khmelnitsky conseguiu manter seu cargo como general cossaco, não por incapacidade militar da República, mas pelas possibilidades que se apresentam a Jan Kazimierz e seus conselheiros, afinal, realizar algumas concessões aos cossacos e tártaros poderia ter um impacto final muito menor do que uma escalada no conflito.

Outro fator que destaco como importante para a questão militar, e por consequência diplomática, já que uma não teria o mesmo peso sem a outra. São os preparativos, provisões e organização dos exércitos, seus aspectos logísticos, somente o número de soldados não garantiria uma vitória, as ações dos exércitos para serem postas em prática, adiantadas ou freadas, levariam em conta esses fatores.

Ao exemplo da cidade de Zbaraz e seus defensores, a falta de alimentos e de reforços já pesavam duramente sobre as guarnições, havendo a diminuição na moral das tropas, na medida em que a situação se tornasse insustentável, poderiam haver fugas, motins, deserção, a rendição do exército ou a captura da cidade pelos sitiadores, já que os defensores não estariam em plenas condições. Fora com a chegada dos exércitos da República e o tratado de Zborów que as forças sitiadas não presenciaram um dos cenários anteriores, sendo libertadas antes de atingirem esse ponto crítico.

4.3 A SEGUNDA GUERRA DOS COSSACOS CONTRA A REPÚBLICA

Com o retorno de Jan Kazimierz a Varsóvia, convocou-se a assembleia da República tendo fim no dia 2 de Janeiro de 1650. Nesta, resultaram 4 importantes decisões. As tropas que estiveram cercadas em Zbaraz, receberiam três pagamentos extraordinários, em consideração a seus serviços. Para guarda das fronteiras 12 mil homens receberiam pagamentos contínuos. Em cumprimento aos artigos de Zborów, três representantes cossacos assumiriam cargos públicos. Por fim, para suprir essas grandes despesas deveria haver um novo imposto em todo território da Polônia e Lituânia.

Nessa assembleia, julgou-se necessário o estabelecimento de um senador em Kiev. Que deveria ser vigilante às ações dos cossacos e que pudesse relatar quebras do tratado de 1649. Adam Kisiel fora apontado, considerado a pessoa mais apta para realizar o registro e instruir os 40 mil homens que deveriam integrar as forças cossacas, como acordado no tratado.

Chevalier observa que Khmelnitsky manteve a paz por cerca de um ano, demonstrando boas intenções. Entretanto, procurava assegurar as suas conquistas através de alianças poderosas, contatando o sultão otomano e o grão duque de Moscou. Também se aproximou do *hospodar*¹⁶ da Moldávia, no intuito de criar uma má impressão desse governante para os oficiais representantes do sultão, pois alegava que o mesmo estaria vazando informações de movimentações e inteligência sobre os tártaros à República.

O sultão assegurou proteção a Khmelnitsky, a quem concedeu o direito de governo da Rutênia e Ucrânia. Em contraponto, exigia a fidelidade e serviço dos cossacos e permitia-os a intervir na Moldávia. Para isso, houve uma mobilização tártara, com poucos cossacos participando, a fim de não levantar suspeitas, fazendo com que os líderes vizinhos acreditassem em uma possível incursão nos territórios de Moscou, o *hospodar* da Moldávia, logo encontrara-se cercado pelas forças combinadas do Canato e cossacos zaporozhianos. A opção que restava ao governante nessa situação era debandar da capital Iasi, pondo a si e sua família fora de perigo, por meio do pagamento de 20 mil ducados aos tártaros e a promessa do matrimônio de sua filha com o filho de Khmelnitsky, o que fez com que o líder cossaco recuasse muitos outros termos e exigências.

Assim, podemos observar que além do uso da diplomacia marcial, houve o uso da diplomacia matrimonial, a fim de garantir um acordo de paz. Algo que foi vantajoso a

¹⁶ Título de príncipes da Moldávia e Valáquia, eram regentes vassallos ao sultão otomano.

Khmelnitsky, pois isso asseguraria uma herança dinástica, aliança ou outro benefício estratégico, podendo influenciar a dinâmica política da região. Avalio, que a esse ponto o líder cossaco já mantinha aspirações na obtenção de poderes governamentais e a fundação de um Estado ou principado, não excluindo a possibilidade de vassalagem a uma entidade estatal maior.

Durante o tempo que o *hetman* cossaco manteve a paz com a República, o tratado de 1649 era violado constantemente. O exército cossaco se expandiu muito além de seus limites e os camponeses não permitiam completamente o retorno dos nobres e senhores de terra que deveriam ser reempossados. Com essa série de descumprimentos e as expedições na Moldávia, o *hetman* Mikołaj Potocki, eleito para o cargo após a morte de Stanislaw Koniecpolski, liderou tropas da República estabelecendo acampamento próximo a fronteira.

O líder cossaco enviara um de seus oficiais a Potocki, questionando sobre as movimentações militares em tempos de paz. Recebendo em resposta que estas se davam pela quebra frequente do tratado de Zborów. Dentre estas, o impedimento da *szlachta* em reocupar suas propriedades, os membros dessa, já haviam enviado vários representantes com reclamações sobre a situação. Bem como a participação cossaca na intervenção no território vizinho da Moldávia sem o conhecimento das autoridades da República. Frente a esta resposta, Khmelnitsky procurou não violar a paz novamente, no entanto, protestos sobre as condições da *szlachta* na Ucrânia continuavam a ser relatados ao monarca, a recusa do reconhecimento da autoridade sobre propriedades e a escassez no pagamento das taxas pelos camponeses. Foi requerido que o líder cossaco tomasse medidas sobre a situação.

A requisição foi recebida com aparente respeito mas a execução se deu com demora, durante esse meio tempo, Khmelnitsky buscou maior aproximação com otomanos fazendo o mesmo com o grão-ducado de Moscou. O último representaria uma maior segurança, em função da conformidade religiosa, apesar de o grão duque de Moscou não aprovar a rebelião eram evidentes as vantagens que poderiam surgir através dela. O sucesso de Khmelnitsky contra a República fez o líder moscovita focar na revocação do tratado de Smolensk, assinado com antigo monarca, Wladislaw. O grão duque alegava o descumprimento e afronta realizada por nobres como Wiśniowiecki e Stanislaw Koniecpolski, ao não reconhecer todos seus títulos no tratado de 1634.

Em resposta, o monarca da Comunidade Polaco-Lituana, enviara um nobre para compreender melhor a insatisfação do czar Alexei I. Em retorno o enviado trouxera a notícia de que o czar estaria mais inclinado a manter e respeitar o tratado do que quebrá-lo e reafirmando a paz entre as duas partes. Entretanto não poderia deixar de observar a crescente

escalada de poder liderada por Khmelnitsky, algo que trazia apreensão para seu governo, uma vez que a rebelião havia dado sinais de se espalhar em seus domínios.

Compreendo que o czar decidiu realizar uma espécie de avaliação quanto a reação da República ao requisitar o fim do tratado de Smolensk. Este tendo percebido no tratado de Zborów, e nas concessões feitas, uma posição desvantajosa em que se encontrava a República. Entretanto, o líder moscovita decidira evitar conflito e manter a paz, devido a própria situação interna, resolveu assim admoestar o monarca polaco-lituano sobre a situação cossaca e o incômodo que esta trazia em seu território, já que os cossacos da Ucrânia seriam súditos de Kazimierz e estariam interferindo fora do território.

A constante correspondência entre Khmelnitsky e representantes otomanos, foi informada a Jan Kazimierz, que decidiu convocar uma assembleia da República ao final do ano de 1650. Na qual foi debatido o comportamento do *hetman* cossaco, o desprezo demonstrado para com a figura real, o Estado e a *szlachta*. Notou-se exponencial aumento das forças cossacas, através das alianças que foram formadas, teriam a capacidade de reunir até 80 mil homens, podendo formar um novo governo sob proteção do sultão otomano.

Ocorreram séries de apontamentos na assembleia, sobre quais decisões deveriam ser tomadas. Oposições a novas ações militares foram apresentadas, tendo em vista os prejuízos causados pelo ultimo conflito e levou-se em conta que os exércitos tiveram baixas, assim, não estariam totalmente recuperados. Ao mesmo tempo, argumentações defendiam uma expedição militar, receando a formação de um principado pelos cossacos, alegava-se que o Estado ainda teria exércitos suficientes, e seria possível parar esse novo poder em ascensão. Em seguida à assembleia chegaram quatro novas requisições cossacas, sendo elas:

1. Que os cossacos exercessem o controle sobre região a qual ocupavam, tendo Khmelnitsky como seu soberano.
2. O monarca e doze senadores da República deveriam jurar manter a paz e o acordo de Zborów.
3. Para garantir isso, três senadores deveriam permanecer no território sob controle do *hetman* cossaco.
4. Que houvesse o fim da Igreja Uniata, separando o Cristianismo Ortodoxo do Católico.

Khmelnitsky, em consideração ao cumprimento de todas requisições prometia o pagamento anual de um milhão de florins por parte cossaca. Chevalier aponta que a assembleia julgou tais demandas como inviáveis e exorbitantes. Deliberou-se por maioria uma nova ação militar, sendo proposto que os combates deveriam iniciar antes da primavera, para

impedir que os cossacos se preparassem, ao mesmo tempo que dificultaria o apoio dos otomanos e dos tártaros por conta do frio rigoroso e a impossibilidade de forragear alimentos para seus cavalos. Dessa forma o rei Jan Kazimierz ordenara que o *hetman* de campo Marcin Kalinowski reunisse tropas e se deslocasse em direção à fronteira para protegê-la.

Generais cossacos colocaram a região em conflito, dentre eles, Bohun, realizou investidas contra Kalinowski, capturou a cidade de Winnicza e recebeu novos reforços, obrigando as forças da República a recuarem. Tal situação fez com que o monarca se deslocasse a Lublin, onde foi informado de uma possível aliança entre o sultão otomano e o *hetman* cossaco, enviando assim um embaixador para Istambul e reunindo suas tropas ordenou que Kalinowski encontrasse o restante do exército.

Podemos estabelecer, que a comunicação cossaca com o sultão otomano, buscou uma aliança ou vassalagem, servindo a Khmelnitsky como potencial moeda de negociação com a República, uma vez que seu peso político e diplomático aumentaria, tendo na região outros estados vassalos do sultão, como o principado da Moldávia e Canato da Crimeia, que poderiam intervir a seu favor, exercendo uma pressão muito maior, já que cada ação militar apresentaria várias possibilidades, desde atingir os objetivos diplomáticos a sofrer duras represálias e exigências. Também observo que houve a retomada de exigências como o fim da Igreja Uniata, por parte cossaca, haja vista que a questão fora mantida em aberto por parte da República.

Ao fim do mês de Maio de 1651, Kalinowski conseguiu chegar ao acampamento das forças reais, que a cada dia via seu exército aumentado por nobres com suas tropas. Chevalier faz a estimativa de que por volta de 100 mil homens estivessem presentes e devido ao grande número, haveria a dificuldade de garantir provisões em longos períodos, fora decidido por entrar em ação o mais breve possível. Jan Kazimierz e seu exército partiram em 15 de Junho em direção a Beresteczo, devido ao terreno e condições de deslocamento acabaram dividindo-se em dez brigadas, cada uma somando de 10 a 12 mil homens. Foram informados, através de um cossaco capturado, que Khmelnitsky havia deixado seu acampamento para encontrar Giray e suas tropas. Estes, estariam avançando contra as forças da República.

Em 20 de Junho de 1651, 10 mil tártaros aproximaram-se do exército Polaco-Lituano para mensurar seu tamanho, realizando escaramuças, após oito dias, novos enfrentamentos mais intensos aconteceram. O khan e seu exército somado por tropas cossacas, se aproximaram das forças de Kazimierz, das quais sete regimentos avançam contra o inimigo, ao longo do confronto ambos exércitos receberam reforços. Cessaram-se os combates com a chegada da noite, o conselho de guerra da República avaliou que a intenção dos rebeldes seria

manter pequenos combates, consumindo tempo para que as provisões polaco-lituanas escasseassem. Levando em conta a dificuldade de obter suprimentos nessa região, foi definido que todo o exército entrasse em batalha com sua máxima capacidade.

Aqui, vemos mais claramente o peso das decisões táticas para o sucesso da diplomacia marcial. A deliberação da ação militar pela assembleia da República, reforçava a iminência das operações antes da primavera, a fim de gerar uma vantagem ao exército polaco-lituano, impossibilitando reforços aos cossacos, ao mesmo tempo em que levava em conta seu próprio tamanho, fator que dificultaria sua mobilização por longos períodos, devido ao consumo de suprimentos. Este elemento foi usado pelo exército inimigo contra as forças da República, os pequenos combates, antes de tudo, visavam o atrito e desgaste do oponente, prolongando o tempo de mobilização, e por consequência gerando dificuldades logísticas.

O rei Jan Kazimierz ao início do dia reuniu o exército, conduzindo o corpo principal, o general Mikołaj Potocki liderando o flanco direito e o flanco esquerdo sendo comandado pelo general da campanha Kalinowski. As forças tártaras e cossacas, surpreendidas pela totalidade do exército da República organizaram-se rapidamente, ocupando pequenas colinas e formaram sua defesa móvel.

Com ambos exércitos estacionados frente a frente, ao longo do dia ocorreram pequenas batalhas. Kazimierz temendo um ataque noturno proibira que tropas saíssem de seus postos para combates, ordenou a destruição de pontes construídas sobre o Rio Styr, evitando que fossem atacados pela retaguarda, por fim comandara que a artilharia disparasse sobre o inimigo. Pela manhã determinou que Wiśniowiecki atacasse os cossacos, que retraíram-se para o *tabor*, os tártaros, em auxílio, engajaram contra os regimentos da República. Kazimierz decidira colocar o corpo principal do exército em ação, manteve o uso da artilharia, fez com que as forças do khan recuassem suas posições, por fim o monarca ordenou que a artilharia objetivasse atingir os oficiais e comandantes de Giray.

As forças tártaras ordenaram retirada, deixando alguns esquadrões a fim de encobrir a movimentação, com isso, o cerco se intensificou contra o *tabor* cossaco. Chevalier estima que a retirada de Khmelnitsky junto a Giray, tinha por intenção, persuadir o khan a retomar os combates. Entretanto, resultou que o líder cossaco fora visto como embusteiro e manipulador, iludindo o aliado tártaro sobre o tamanho do exército da República. Giray ameaçara não libertá-lo até que fosse pago um valor determinado ou o entregaria a Kazimierz em troca de prisioneiros.

Uma cerimônia pública foi realizada pelo monarca polaco-lituano, em razão da vitória de seu exército, isso tendo custado-lhe 1200 homens e seis vezes esse número aos inimigos,

seguiu-se o uso da artilharia para atacar a posição cossaca. Com a ausência de Khmelnitsky, outro líder foi eleito outro para organização das tropas, este, utilizando todos recursos possíveis para amenizar a situação, escrevera ao rei, pedindo clemência, desejava um acordo de paz. O monarca vendo que tanto “a pena quanto as espadas” eram empunhadas pelos cossacos, julgava que eliminá-los seria a medida mais efetiva. Em 4 de Julho os cossacos surpreenderam uma das localizações fortificadas da República, simulando um ataque.

Ainda sob ataques da artilharia da República, os líderes cossacos enviaram uma delegação para negociar a paz. Chevalier nos relata que esta era composta por três representantes, ao dirigirem-se a Mikołaj Potocki, foram duramente repreendidos pelo general. Este, julgava que pela traição à República e sua aliança com tártaros e otomanos, não seriam dignos do perdão real, sequer poderia considerar-lhes cristãos. Em reunião com o Kazimierz, estes enviados puseram-se de joelhos, entregando uma carta em nome de todos os cossacos, clamando por perdão. O rei requisitou conselho de seus senadores em uma reunião e respondeu ao pedido cossaco através de um bispo. Os crimes dos rebelados seriam tantos que certamente não mereceriam perdão, porém, se garantidas suficientes provas de seu arrependimento e submissão, haveria a garantia de um cessar fogo. Um dos representantes deveria ficar como refém e seria garantido o perdão real se atendidas cinco demandas:

1. Doze dos principais comandantes cossacos deveriam ficar reféns, como garantia, até que Khmelnitsky e seu secretário fossem entregues aos poderes da República.
2. A devolução de bens tomados pelas forças cossacas durante saques. (peças de artilharia, estandartes e afins)
3. Entregariam o estandarte do general de sua milícia, para que o monarca dispusesse dele como quisesse.
4. Em períodos de paz o número de cossacos seria reduzido a 12 mil, para guardar as fronteiras, essa condição podendo ser revista na próxima assembleia da República.
5. Os privilégios retornariam a ser os mesmos que garantidos pelo general Koniecpolski em 1638¹⁷.

Os representantes cossacos retornaram a seu acampamento, no seguinte dia apresentam sua resposta. Concordariam com as três primeiras exigências, recusavam principalmente a última, exigindo a manutenção do acordo de Zborów. O autor francês nos relata que tal resposta ofendera profundamente Kazimierz, que em represália intensificou os

¹⁷ Na obra de Chevalier, tanto em francês como em inglês, a data é definida como 1628. No entanto, acredito ser um erro de datação pelo autor, a historiografia presente não indica nenhum acordo ou ação realizada por Koniecpolski no ano de 1628. Entretanto de 1637 a 1638, vemos o surgimento de uma revolta, pela tentativa de igualar direitos dos cossacos não registrados aos dos camponeses. Com a derrota cossaca, é estabelecido que deveria haver a diminuição das guarnições cossacas para 6 mil homens e um general seria indicado pelo rei.

ataques da artilharia às posições cossacas, ordenando o redobramento de assaltos ao *tabor*. Houve a substituição do novo líder cossaco por Bohun, que tentava liberar a passagem para retirada, acompanhado de um bom número de cossacos experientes. Entretanto, rumores surgiram que estaria se evadindo, o que causou grande desordem no acampamento cossaco, um grande número bateu em retirada utilizando a formação de forte de carros, outros desertavam nadando ou através de pântano apenas alguns permaneceram e enfrentam as forças polaco-lituanas¹⁸.

As forças da República, ao vasculhar o acampamento cossaco encontraram grande número de mulheres e crianças, consideráveis saques, peças de artilharia, estandartes reais, dados a Khmelniisky por Wladislaw, e outros que haviam sido capturado em batalha. Foram descobertas correspondências com o sultão otomano, o grão duque de Moscou, o príncipe da Transilvânia e a soma de 30 mil Rixdolares¹⁹ destinados aos tártaros.

Do cenário apresentado, com a retirada do khan, de Khmelniisky e a intensificação do combate pela República. Podemos inferir que a análise situacional e estratégica que se apresentava aos cossacos remanescentes, seria a submissão ao monarca, feita através de uma carta direcionada a Kazimierz, onde, continha um pedido de perdão e a proposição paz. Inicialmente recusada pelo mesmo, visto a posição de vantagem na qual se encontrava. No entanto sendo concedida a reunião para negociações, o monarca fez suas exigências, que ao julgar pelo histórico de outras revoltas foi brando. Com a recusa no atendimento de parte dos artigos pelos cossacos, houve pela República a resolução dessa situação em particular através da subjugação dos cossacos. Por fim foram confirmadas as relações diplomáticas de Khmelniisky com outros líderes de Estado, através das cartas capturadas.

Há a observação feita por Chevalier, de que Kazimierz ao perseguir as forças evadidas, deparou-se com grande número de mortos, moribundos e feridos, em forma de solidariedade ordenara suas tropas distribuam parte dos suprimentos aos sobreviventes, caso os mesmos se comprometessem a abandonar a revolta. O autor do relato, leva em conta outro fator, se o monarca pusesse à espada todos os rebeldes, principalmente os camponeses da região, ocorreria um desequilíbrio nessa área da República, fazendo com que nobres e grandes proprietários não recebessem as cotas e taxas cobradas de seus subordinados.

Julgando necessário o fim imediato dessa guerra Kazimierz decidira rumar com todo exército para Kiev. Muitos nobres opuseram-se, alegando desnecessidade em tamanha

¹⁸ Para Chevalier, houve grande bravura por um pequeno grupo de cossacos, que mantém uma formação de defesa contra o número muito superior de inimigos. A estes é oferecido rendição, da qual recusam, lutando até o último soldado. Avalio que com sua rendição, viesse também o julgamento pela participação na revolta, o que certamente teria peso na decisão tomada.

¹⁹ Provavelmente se refira a *Reichsthaler*, referenciando o valor em moedas de prata.

mobilização, já que após a derrota sofrida, os cossacos ainda estariam desorganizados e sem condições de reagrupar. Deste modo o monarca deixou o comando ao general Potocki, retornando para Varsóvia. Posteriormente, fora informado que Giray havia se retirado para a Crimeia, e o *hetman* Radziwiłł derrotara os cossacos na Lituânia, também partindo para Kiev, a fim de encerrar a revolta. O general Potocki, tentou seguir o mesmo propósito na Volínia, dividindo suas forças pela logística de obter provisões, definindo um ponto de encontro em Biala Cerkiew.

Para ser libertado por Giray, Khmelnytsky entregou um resgate em dinheiro, retornando assim à Ucrânia, onde tentava manter acesa a chama da revolta, enviou emissários ao khan e ao sultão. Ao primeiro prometia conseguir novos suprimentos, reforçando que a segurança de ambos dependia da cooperação, pois a ruína de um, exporia o outro ao poder militar da República. Quanto ao último, requisitava assistência para que combater as forças da Polônia-Lituânia, do contrário teria de aceitar um acordo com Kazimierz, que poderia exigir dos cossacos ação contra os otomanos.

O *hetman* cossaco redobrou as tentativas de organizar seu exército, surpreendentemente encontrando apoio aos esforços de guerra tanto entre os cossacos como entre os camponeses. Quanto a isso, Chevalier apresenta que o sentimento entre os partidários era de que as forças da República foram derrotadas uma vez, e o mesmo poderia ser feito novamente. Em todo caso, se a situação fosse extrema, restaria refugiar-se em território otomano, onde poderiam viver com mais liberdade do que servos sob o domínio da República.

General Potocki, enviou um destacamento em direção a Biala Cerkiew para obter informações sobre os cossacos e suas movimentações. Por meio de prisioneiros tártaros, ficara a par de que Khmelnytsky ainda estava angariando tropas. Potocki decidiu postergar o avanço de tropas e tomar a fortificação de Trylisicz e a cidade de Chwastowa, ambas na direção de Kiev. No primeiro local, a guarnição respondeu ferozmente às exigências de rendição feitas pelo general, que conquistou o forte, subjugando todos defensores, independente de sexo ou idade, o local saqueado e queimado alertou os cossacos e residentes de Chwastowa, estes abandonaram a cidade.

Em 16 de Agosto, enquanto Radziwiłł aguardava as ordens do monarca e a junção com o exército polonês, nas imediações de Kiev, patrulhas descobriram um significativo corpo de tártaros e cossacos próximos à cidade. Combates ocorreram, cossacos capturados revelaram que estariam aguardando reforços para atacar as posições de Radziwiłł. Após alocar

guarnições suficientes para defender Kiev. este parte em direção ao general Potocki, que avançava à Vasilikow, para facilitar a conjunção das forças.

Khmelnitsky percebendo a desfavorável situação enviou emissários a Potocki, para negociar um acordo. Alegando que sua intenção era evitar um maior derramamento de sangue, prometia trazer os cossacos novamente sob a autoridade do monarca, assegurando que esses permaneceriam leais a seu serviço e seguiriam o tratado de Zborów. Essas propostas não surtiram efeitos ao general polonês, que julgava a ação como uma forma de comprar tempo até a chegada de reforços do sultão otomano e do khan tártaro. Potocki objetivava terminar com a revolta pela força das armas, principalmente após seu exército ter sido reforçado com grande quantidade de soldados lituanos.

Apesar de ter seu exército reforçado por tártaros, Khmelnitsky novamente tentou um acordo com o general Potocki, que em diálogo com Radziwiłł acaba concordando em receber os emissários cossacos. As forças polaco-lituanas também enviaram um representante, dotado de uma carta do general polonês ao líder cossaco, nesta se omite o título de Khmelnitsky como *hetman* do exército cossaco, algo que em primeiro momento causou um tumulto, sendo justificado pelo enviado da República. Com o reinício da conferência apresentavam-se duas proposições, a primeira sendo a ordem de que tártaros fossem enviados de volta à Crimeia, a outra de que Khmelnitsky deveria ir ao acampamento polaco-lituano prestar seus respeitos aos generais. De início, o líder cossaco foi contrário a primeira exigência, mas acabou cedendo.

O local de acordos ficou definido como sendo em Biala Cerkiew. Representantes de ambas as partes entraram em acordo, excetuando-se alguns pontos, que seriam decididos e retrabalhados por cada exército. No acampamento cossaco, Khmelnitsky e seus oficiais tiveram de lidar com as tensões surgentes dos camponeses e dos tártaros. Os primeiros não querendo nenhum tipo de acordo, suspeitavam que poderiam ser novamente reduzidos ao regime de servidão, os últimos aceitaram retornar à Crimeia, não sem antes exigir espólios e saques dos cossacos.

Ao momento de rerepresentar os pontos que não haviam sido consenso, os representantes cossacos, ao contrário de apresentarem novas proposições, demandavam que vigorasse o tratado de Zborów, requerendo que os exércitos da República retornassem à fronteira, permitindo a confederação com o canato da Crimeia. Ocorreram então pequenos embates, que duraram alguns dias. Em 26 de Setembro o *hetman* enviou três representantes, com demandas mais moderadas, ainda diferentes do que havia sido acordado em Biala Cerkiew. Requisitando o registro de 20 mil cossacos, que os quartelamentos desses deveriam ficar nos Palatinados de Czernihow e Braclaw, este último sendo recusado, insistia-se então,

que as forças da República não fossem aquarteladas na mesma região enquanto Khmelnitsky fosse *hetman*.

Em 28 de Setembro de 1651 Khmelnitsky, seus principais oficiais e comandantes dirigiram-se ao acampamento polaco-lituano para prestar seus respeitos ao general Potocki, Radziwiłł e a nobreza ali presente, pedindo assim perdão a estes com grande humildade e lágrimas aos olhos²⁰. Chevalier nos relata que o acordo é lido na presença de todos, foi concordado e assinado por ambas as partes, consistindo de quatorze artigos, estes sendo:

1. Em consideração à submissão e o reconhecimento da autoridade da República, o exército zaporozhiano e seus comandantes concordaram com a obrigação de servir ao rei e ao Estado. Este exército deveria ser composto de 20 mil homens, escolhidos e registrados por seu general e oficiais, tendo como aquartelamento as terras de sua majestade nos Palatinados de Kiev, Braclaw e Czernihow, sendo as terras dos nobres livres de qualquer dever com os cossacos.

2. Qualquer súdito da nobreza que fosse registrado no exército zaporozhiano seria obrigado a se mudar para as terras reais no Palatinado de Kiev. Sem impedimentos por parte de qualquer senhorio ou autoridades locais.

3. O registro dos 20 mil cossacos iniciaria a partir de quinze dias após o acordo. Uma lista contendo os nomes dos registrados deveria ser assinada pelo general cossaco e enviada ao monarca, outra cópia ficaria em Kiev.

4. As forças da República²¹ não deveriam manter aquartelamentos no Palatinado de Kiev e lugares reservados aos cossacos, nem esses deveriam manter aquartelamentos nos lugares destinados as forças da República nos Palatinados de Braclaw e Czernihow.

5. A nobreza nos territórios ocupados pelos cossacos deveria retomar posse de seus terrenos e propriedades, porém, não poderiam cobrar impostos ou serviços até que o registro estivesse concluído.

6. O general cossaco receberia a cidade de Czerin para administrar e receber suas rendas, bem como os sucessores depois dele, também podendo dispor da escolha de oficiais para os cargos em seu exército, este estaria sob a proteção do general da coroa, ao qual deveriam renovar o voto de fidelidade à República.

7. O cristianismo Ortodoxo da qual o exército zaporozhiano professava deveria ser mantido como seu direito e liberdade.

²⁰ Chevalier em tom de crítica, denuncia a hipocrisia dessas lágrimas, servindo como ferramenta de negociação.

²¹ No relato de Chevalier, tanto em francês como a tradução em inglês de Browne, é citado o exército polonês. Entretanto, interpreto que pelos cossacos terem embates com nobres, autoridades e exércitos das duas nações, a requisição também seria válida a ambos.

8. Os membros da nobreza que apoiaram a revolta deveriam ser incluídos na carta de perdão. Sendo reestabelecidos de suas posses, direitos, honras e privilégios e anuladas quaisquer sentenças contra eles antes do presente tratado.

9. Os judeus manteriam seu privilégio de pessoas livres nas terras pertencentes ao rei e à nobreza, devendo ser permitidos a retornar e trabalhar nas terras destes e exercendo suas profissões.

10. Os tártaros em territórios da República deveriam retornar à Crimeia, sem causar danos. O general cossaco deveria cumprir seu papel em detê-los nas próximas incursões, sem realizar alianças com estes ou quaisquer monarcas vizinhos, permanecendo em total e constante fidelidade ao rei e ao Estado.

11. Não deveria haver nenhum cossaco registrado para a guarda das fronteiras da Lituânia, estes deveriam estar contidos ao limites do Palatinado de Kiev.

12. A cidade de Kiev sendo sede da magistratura, deveria contar com poucos cossacos registrados em seus domínios.

13. Para a segurança do tratado, os exércitos da Polônia-Lituânia e cossacos deveriam retornar a seus aquartelamentos.

14. Que Khmelnitsky e o exército cossaco deveria enviar representantes na próxima assembleia da República para agradecer ao monarca e o Estado o perdão que fora garantido.

Com relação ao encaminhamento da guerra, após retirada tártara e a derrota cossaca pelas forças da República, verifico que a reação do monarca, ao querer direcionar todas suas tropas a Kiev, se deu por razão das questões logísticas enfrentadas pelos cossacos. Essas forças estavam desorganizadas e seriam facilmente derrotadas. Entretanto, para a República manter um grande exército mobilizado, apresentaria os mesmos desafios enfrentados ao início dos combates, a desnecessidade de tamanha força militar por parte polaco-lituana foi evidenciada pelos nobres, com o retorno de Kazimierz e parcela das tropas a Varsóvia, o exército sob comando do general Potocki enfrentou batalhas, ainda obtendo vitórias.

Podemos constatar novamente, que ao se deparar com a situação desfavorável Khmelnitsky buscou negociações, com o aceite, seguiu a diplomacia, através da troca de emissários, a fim de que fossem compreendidas as demandas e pedidos, com o surgimento de discordâncias, sem reavaliação das propostas por nenhum dos agentes, retornaram os conflitos. Pontuo que o combate nessa situação, atuou como uma continuidade da diplomacia por outros meios, a fim de fazer o oponente ser mais razoável na negociação. Com requisições mais moderadas por parte cossaca, seguiu-se reconhecimento e a assinatura do tratado, este, continha ao mesmo tempo medidas significativas, como a redução de metade do exército

cossaco e exigências do fim da aliança com tártaros, como também propunha concessões que visavam atrair a liderança cossaca ao favor da República, ao exemplo da concessão da cidade de Czerin, a qual Khmelnytsky poderia gerir e obter lucros.

Cabe ainda mencionar que a revolta liderada por Khmelnytsky não foi apenas uma questão interna, também teve implicações em um contexto mais amplo que envolvia outras potências da região, parte de um complexo jogo de poder, em que as ações militares alicerçadas por alianças tinham grande peso para as negociações diplomáticas. As diferentes potências tentavam estabelecer um equilíbrio de poder que fosse favorável aos seus interesses, a região onde ocorreu essa revolta atuou como um local de competição entre a República Polaco-Lituana, o Império Otomano e o Grão-Ducado de Moscou. Sendo assim, o conflito foi mais do que uma simples revolta local pois refletiu as competições mais amplas de poder no leste da Europa do século XVII.

Embora Pierre Chevalier encerre seu relato com a assinatura da paz de Biala Cerkiew, em 28 de Setembro de 1651. A revolta cossaca se estendeu até o ano de 1654. Momento em que a proposta de vassalagem cossaca elaborada por Khmelnytsky ao czar foi aceita, sendo firmado o acordo de Pereyaslav. Em troca, Moscou o auxiliaria militarmente contra a Polônia-Lituânia, o que estimulou o início de um conflito entre os dois Estados. Desta forma, observo que a definição de que revolta cossaca em 1648 atuara como a primeira “gota” do Dilúvio enfrentado pela República polaco-lituana é plausível, pois o conflito foi logo seguido pela guerra com Moscou em 1654 e a segunda guerra do norte, contra o reino da Suécia em 1655.

Quanto a presença de Chevalier e outros franceses na região, podemos explicar através das proximidades de relações entre França e Polônia-Lituânia, mas como essas relações surgem? De forma principal, através das uniões matrimoniais ou dinásticas entre os Estados. Pode-se observar isso na eleição de Henrique III, da França, ao trono da República Polaco-Lituana, após a morte de Sigismundo II em 1573²².

Posteriormente em 1646, o já eleito Wladislaw IV, casou-se com Maria Luísa Gonzaga, princesa da dinastia Gonzaga-Nevers. Com a morte do monarca e eleição de Jan Kazimierz, no ano seguinte foi firmado matrimônio com a rainha consorte. Durante o reinado de ambos monarcas, esta introduziu costumes franceses de corte, trazendo a República para uma proximidade com a França. Este reino, esteve envolvido na Guerra dos Trinta Anos, sua relação com a República Polaco-Lituana poderia fazer parte de uma estratégia para influenciar o equilíbrio de poder na Europa Central e Oriental. Com o envio diplomatas e auxílio militar a

²² São aprovados com a eleição de Henrique III os Artigos do rei Henrique, esses estabeleciam princípios e leis constitucionais fundamentais na República, bem como o *Pacta Conventa*, acordos firmados entre o monarca e o *Sejm*, em que este se comprometia ao respeito das leis.

fim de que pudesse exercer e expandir sua influência, contrabalanceando o poder de outras nações, enfraquecendo seus rivais e promoveria seus próprios interesses políticos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como mencionado, o século XVII, teve um papel significativo na história dos conflitos, e apesar da não participação da Polônia-Lituânia na Guerra dos Trinta anos, esteve travando nesse período confrontos com o Reino da Suécia e o Grão-Ducado de Moscou, estes, como mencionado por Geoffrey Parker (2013) faziam os territórios de suas contrapartes do Ocidente parecerem pequenos. Foi nesse cenário de grandes dimensões, em seu próprio território, que a República Polaco-Lituana enfrentaria um desafio, A Revolta cossaca de 1648.

Ao longo deste trabalho, um dos primeiros passos foi compreender quais eram as razões que levaram a República das Duas Nações a ser constituída da maneira que fora. A federação entre Polônia e Lituânia, resultou na união em uma entidade maior, mas que manteve características próprias como legislações, administração civil e política e os exércitos, isso definido. Partimos então para compreender o quadro populacional que a compôs. Constatamos a existência de hierarquias, direitos, liberdades ou restrições que se aplicavam, ou não, a cada estrato da sociedade Polaco-Lituana. Analisamos, de maneira mais aprofundada, alguns elementos da organização e funcionamento da República, detectando que os Estados integrantes, agiam concomitantemente como entidades distintas, com suas unidades territoriais e jurisdicionais menores, e de forma conjunta a partir da necessidade da comunicação com o Centro de governo através dos setores aristocráticos, pelo seu papel de mediação entre populações locais e os governantes no parlamento.

Demos sequencia para uma observação de modo mais aprofundado, da situação da fronteira e sua parcela populacional, constatou-se a existência de elementos próprios dessa região, o estabelecimento de milícias cossacas por parte dos monarcas polaco-lituanos, e a posterior institucionalização de parte desta, a coexistência com os elementos que vinham sendo implementados pelos representantes do Centro de poder e suas tensões e consequências. Partimos para uma historização da revolta de 1648, através de autores como Zamoyski e Parker, buscando compreender seu contexto e consequências.

Feito isso, chegamos na parte de análise do relato elaborado por Pierre Chevalier, buscando entender o contexto por trás do que o levou a produzir a obra. Com o aprendizado consolidado durante os estudos feitos anteriormente, pudemos ao longo da leitura e interpretação do escrito identificar tanto os elementos que já se apresentavam na historização feita, quanto alguns que ainda não haviam sido tratados, ao exemplo de descrições e particularidades específicas, notadas pelo autor quando presente na região. Que fez sua

própria análise do cenário em que se encontrava, em uma espécie de etnografia, que conta com uma grande gama de observações partindo de seu contexto específico, um oficial francês no século XVII atuando na Polônia-Lituânia em um momento de conflitos, ao mesmo tempo em que tenta nos relatar e informar dos acontecimentos e ocorrências que julga serem relevantes.

Observamos por fim, ao longo do trabalho e da análise do relato produzido por Chevalier, a presença dos diferentes níveis de autarquia e decisão dispostos nos segmentos de governo da República e suas instituições, as ações individuais e conjuntas de exércitos tanto comandados pelos nobres da *szlachta* quanto por cossacos rebelados e seus aliados, conforme se apresentavam as necessidades. Em uma menor escala, também fez-se perceptível a hierarquia social presente nesse período, os atritos resultantes da mesma. Durante os confrontos, o uso de estratégias e logística militar, a forte utilização da diplomacia e a recorrência da violência, como estratégia diplomática, ao fazer o outro mesmo que por meio da espada, ser mais razoável para as negociações, também as alianças que se formaram, a fim de que se pudesse exercer pressão militar ou política, a fim de atingir objetivos.

Desta forma concluímos que a revolta cossaca de 1648, se deu inicialmente como um evento local, da mesma forma que muitas outras anteriores no mesmo território, entretanto, continuou ganhando força e adesão se mostrando, posteriormente, um conflito muito mais amplo que seus precedentes, refletia assim, o complexo jogo de poder disputado pelas potências da região, encaminhando em seguida a um combate pela influência e domínio na região do Leste da Europa próxima ao Mar Negro. Cabe ainda, ressaltar a necessidade de um maior número de pesquisas sobre a temática em Português, haja visto a escassez de materiais disponíveis no idioma, tendo em vista que os resultados da Revolta de Khmelnytsky refletem seus impactos até o presente, com as disputas de narrativa sobre a história ucraniana.

REFERÊNCIAS

REFERÊNCIAS DOCUMENTAIS

CHEVALIER, PIERRE. **A Discourse of the Original, Countrey, Manners, Government and Religion of the Cossacks, with another of the Precopian Tartars, and the History of the Wars of the Cossacks against Poland.** London: Edward Browne, 1672.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDERSON, P. **Linhagens do estado absolutista.** 3. ed ed. São Paulo: Brasiliense, 2004.

BLACK, J. **Why wars happen.** London: Reaktion books, 1998.

BLACK, J. **European Warfare, 1494-1660.** Florence: Taylor and Francis, 2005.

BUTTERWICK, R. (ed.). **The Polish-Lithuanian Monarchy in European Context, c. 1500–1795.** London: Palgrave Macmillan UK, 2001.

COOPER, J. P. (ed.). **The new Cambridge modern history. 4: The decline of Spain and the Thirty Years War 1609.** Cambridge: Cambridge Univ. Press, 1989.

ELLIOTT, J. **España, Europa y el mundo de ultramar (1500-1800).** Barcelona: Taurus 2010.

GLASER, A. (ed.). **Stories of Khmelnytsky: competing literary legacies of the 1648 Ukrainian Cossack uprising.** Stanford, California: Stanford University Press, 2015.

HARTOG, F. **O Espelho De Herodoto: Ensaio Sobre a Representação Do Outro.** [s.l.] Editora UFMG, 1998.

KOHUT, Z. E. From Commonwealth to Ukraine: The Reconceptualization of “Fatherland” in Cossack Political Culture (1660s–1680s). **Canadian Slavonic Papers**, v. 56, n. 3–4, p. 269–289, set. 2014.

KOHUT, Z. E. Post-Soviet Studies of the Cossack Elite: The Present State of Research and Future Tasks. **Harvard Ukrainian Studies**, v. 34, p. 373–384, 2015.

- KONSTANTYNENKO, K. Ukraine and Cossacks in 17th century Italian perceptions. Em: RUMYANTSEV, O.; BROGI BERCOFF, G. (Ed.). **The Battle of Konotop 1659**. [s.l.] Ledizioni, 2012. p. 101–117.
- PARKER, G. **El siglo maldito: clima, guerras y catástrofes en el siglo XVII**. Barcelona: Editorial Planeta, 2013.
- PRYMAK, T. M. The Cossack Hetman: Ivan Mazepa in History and Legend from Peter to Pushkin. **The Historian**, v. 76, n. 2, p. 237–277, 1 jun. 2014.
- PUJOL, X. Centralismo e Localismo? Sobre as Relações Políticas e Culturais entre Capital e Territórios nas Monarquias Europeias nos Séculos XVI e XVII. **Penélope: revista de história e ciências sociais**, v. n^o 6, p. 119–144, 1991.
- SHIYAN, R. I. Transfer of Power, the “Delayed Succession,” and Political Crisis in Cossack Ukraine (1657). **The Historian**, v. 77, n. 4, p. 691–715, 1 dez. 2015.
- STAIANO-DANIELS, L. Masters in the Things of War: Rethinking Military Justice during the Thirty Years War. **German History**, v. 39, n. 4, p. 497–518, 27 nov. 2021.
- TODOROV, T. A Viagem e seu Relato. **Revista de Letras**, v. 46, n. 1, p. 231–244, 2006.
- WILSON, P. H. **Europe’s tragedy: a history of the Thirty Years War**. London: Allen Lane, 2009.
- ZAMOYSKI, A. **Poland: A History**. London: Harper Press, 2009.

APÊNDICES

APÊNDICE A – QUADRO CRONOLÓGICO DE EVENTOS PRINCIPAIS

1569	A República Polaco-Lituana é estabelecida por meio da União de Lublin. As terras da Ucrânia são transferidas do do Grão-Ducado da Lituânia para o Reino da Polônia.
1587-1632	Reinado de Sigismundo III Vasa, rei da Polônia e grão-duque da Lituânia.
1595	Bogdan Khmelnytsky nasce na vila de Subotiv, próximo a Chyhyryn.
1595-1596	União de Brest, criação da Igreja Uníata. O clero cristão ortodoxo renuncia à autoridade e jurisdição do Patriarcado de Constantinopla em favor do reconhecimento à autoridade da Santa Sé.
1598-1613	O tempo das dificuldades de Moscou. Intervenção polonesa-lituana com a participação dos cossacos zaporozhianos.
1610	Khmelnytsky frequenta a Academia Jesuíta em Lwów
1619-1621	Guerra entre o Império Otomano e a Comunidade Polonesa-Lituana. Bogdan Khmelnytsky e seu pai Mykhailo participam da Batalha de Cecora. O pai de Khmelnytsky é morto. Khmelnytsky é capturado e passa dois anos em cativeiro otomano.
1625-1630, 1637-1638	Grandes revoltas de cossacos zaporozhianos contra a Comunidade polaco-lituana, culminando na derrota dos cossacos em um decreto severo que restringe o autogoverno cossaco em 1638.
1632-1648	Reinado de Władysław IV Vasa, rei da Polônia e grão-duque da Lituânia.
1637	Khmelnytsky torna-se chanceler militar dos cossacos.
1638	Khmelnytsky participa da delegação cossaca ao rei Władysław IV.
1646	Władysław IV solicita a ajuda dos cossacos na campanha contra o Canato da Crimeia e na guerra planejada contra o Império Otomano. Khmelnytsky é um dos enviados cossacos ao rei.
1647	Expulsão de Khmelnytsky de sua propriedade.
1648	Morte de Władysław IV. Khmelnytsky comanda cossacos zaporozhianos, alia-se aos tártaros da Crimeia, dando início a uma insurreição geral na Ucrânia. Cossacos derrotam os exércitos da Comunidade Polonesa-Lituana.
1648-1668	Reinado de Jan II Kazimierz Vasa.
1649	A Paz de Zborów reconhece o controle de grande parte da Ucrânia pelos cossacos.
1651	O exército cossaco é derrotado em Berestechko pelas forças polonesas e lituanas.
1652	Casamento de Tymofiy Khmelnytsky com Ruxandra Lupu, filha do governante da Moldávia.
1653-1654	Khmelnytsky busca a proteção do czar e apoio moscovita contra a Polónia-Lituânia. O Tratado de Pereiaslav é concluído com representantes do czar Alexei em 1654.
1657	Khmelnytsky morre em 26 de julho.
1667	Tratado de Andrusovo divide os territórios da Ucrânia e da Bielorrússia entre a Comunidade Polaco-Lituana e Moscou, dividindo o território Cossaco ao longo do rio Dnipro.

Quadro 1: Quadro cronológico de eventos principais.